

# *APRENDER EM COMUNIDADE*

José Pacheco

A todos os educadores ainda capazes de sonhar,  
aos anônimos construtores da educação necessária e urgente,  
a todos os educadores que fazem de sua vida o testemunho de que é possível  
um mundo melhor.

*Eu queria uma escola que cultivasse a curiosidade de aprender que é em vocês natural.*

*Eu queria uma escola que educasse seu corpo e seus movimentos: que possibilitasse seu crescimento físico e sadio. Normal.*

*Eu queria uma escola que lhes ensinasse tudo sobre a natureza, o ar, a matéria, as plantas, os animais, seu próprio corpo. Deus.*

*Mas que ensinasse primeiro pela observação, pela descoberta, pela experimentação.*

*E que dessas coisas lhes ensinasse não só o conhecer, como também a aceitar, a amar e preservar.*

*Eu queria uma escola que lhes ensinasse tudo sobre a nossa história e a nossa terra de uma maneira viva e atraente.*

*Eu queria uma escola que lhes ensinasse a usarem bem a nossa língua, a pensarem e a se expressarem com clareza.*

*Eu queria uma escola que lhes ensinassem a pensar, a raciocinar, a procurar soluções.*

*Eu queria uma escola que desde cedo usasse materiais concretos para que vocês pudessem ir formando corretamente os conceitos matemáticos, os conceitos de números, as operações... pedrinhas... só porcariinhas!*

*... fazendo vocês aprenderem brincando...*

*Oh! meu Deus!*

*Deus que livre vocês de uma escola em que tenham que copiar pontos.*

*Deus que livre vocês de decorar sem entender, nomes, datas, fatos...*

*Deus que livre vocês de aceitarem conhecimentos "prontos", mediocremente embalados nos livros didáticos descartáveis.*

*Deus que livre vocês de ficarem passivos, ouvindo e repetindo, repetindo, repetindo...*

*Eu também queria uma escola que ensinasse a conviver, a cooperar, a respeitar, a esperar, a saber viverem em **comunidade**, em união.*

*Que vocês aprendessem a transformar e criar.*

*Que lhes desse múltiplos meios de vocês expressarem cada sentimento, cada drama, cada emoção.*

*Ah! E antes que eu me esqueça: Deus que livre vocês de um professor incompetente.*

(Carlos Drummond de Andrade)

*A expressão escola de comunidade procura significar o desenquistamento isolacionista da escola tradicional.*

*Escola, no futuro, será um centro comunitário.*

*A escola não se reduzirá a um lugar fixo murado.*

*(Lauro de Oliveira Lima)*

## Cartas brasileiras

**A**o redigir estas 25 cartas, escritas no Brasil e para figuras que marcaram este país, José Pacheco tem uma intenção clara – recordar aos educadores do *presente* que não podem ignorar o património de ideias e experiências do *passado*. Deste modo, inscreve as suas próprias propostas educativas no tempo longo da História, evitando cair em modas ou novidades, sempre inúteis, sempre passageiras. Uma pergunta atravessa todas as missivas: porque é que falhámos? Por que razão não conseguimos pôr em prática os nossos ideais? A pergunta é dura, inquieta-nos, desassossega-nos, mas tem de ser feita.

A adopção do género epistolar é muito interessante. Permite-lhe criar uma intimidade ficcional com autores falecidos e, por esta via, aproximar-se do leitor, torná-lo cúmplice das cartas que escreve. Define, assim, um espaço de jogo, entre ele, os autores e os leitores, chamando, uns e outros, para uma conversa sobre os caminhos e descaminhos da escola. O exercício é feito com uma sensibilidade particular e convida cada leitor a assumir a sua própria responsabilidade pelas coisas da educação.

As cartas adoptam, invariavelmente, uma mesma estrutura: primeiro, a crítica, a indignação, a injustiça que cometemos ao não reconhecer um determinado legado; depois, a abertura, a esperança, a crença em novas possibilidades; no fim, um breve apontamento biográfico sobre o destinatário da carta. José Pacheco não nos fecha numa inevitabilidade, num discurso de lamentações resignadas, mas também não se deixa vencer pela ingenuidade ou pelas ilusões. Ao pôr-nos diante dos problemas, abre-nos portas, convida-nos a entrar e a descobrir que a Escola não tem de ser sinónimo do *modelo escolar* inventado na segunda metade do século XIX e que perdura até aos dias de hoje.

**S**im, aquilo que designamos por *escola* – com prédios escolares, salas de aula, quadro negro (ou verde ou branco), mobiliário escolar, horários, alunos agrupados por nível etário, progressão por séries de acordo com avaliações e exames, etc. – é relativamente recente na história da humanidade, começou a difundir-se há cerca de 150 anos. Não é por acaso que a esmagadora maioria dos destinatários de José Pacheco nasceu, justamente, neste

período curto de invenção e consolidação do modelo escolar: o mais antigo é Alessandro Cerchiai (n. 1877), a mais nova Maria Nilde Mascellani (n. 1931). Apenas escapam a este critério três autores dos séculos XVI e XVII (os padres Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e Antônio Vieira) e dois autores da primeira metade do século XIX (Antônio Conselheiro e Rui Barbosa). Todos os outros nasceram entre 1877 e 1931, isto é, naquele meio século em que o *modelo escolar* se transforma na única maneira de conceber e de praticar a educação das crianças. Como se não fosse possível educar de outro modo...

Os autores a quem José Pacheco se dirige pertencem às primeiras gerações que conheceram a escola (*o modelo escolar*), como alunos e, nalguns casos, como professores. O mal-estar que revelam em muitos dos seus escritos é o mesmo que Adolphe Ferrière traduz, magistralmente, no prólogo à obra-propaganda da Educação Nova – *Transformemos a escola*, originalmente publicada em 1921. Conta-nos o pedagogo suíço que um dia o Diabo desceu à Terra e descobriu, indignado, que as pessoas eram felizes. Não podia ser. A sua missão era causar a infelicidade. Depois de muito procurar, encontrou a solução para reverter este estado de coisas: criar a escola. E assim surgiu esta “diabólica” instituição que os educadores mais ousados querem mudar para que, no seu lugar, apareça uma Escola Nova.

José Pacheco faz parte desta linhagem de educadores. Nestas cartas vai-nos falando das *comunidades de aprendizagem* que apresenta de forma lúcida e avisada. Ele sabe que o conceito de “comunidade” é polissêmico e que nele se abrigam, por vezes, ideologias que fecham os alunos nos seus meios e culturas de origem. Mas a educação nunca pode ser para fechar, tem de ser, sempre, para abrir, para nos abrir a novos mundos, a novas possibilidades. Ele sabe, também, que a palavra “aprendizagem” tem sido torturada e utilizada para fins diversos e contraditórios, como nesse princípio tão equívoco da “aprendizagem ao longo da vida” que vem infestando a educação com lógicas de empregabilidade, de “capital humanos” e outras afins. Mas a sua aproximação é bem diferente e define-se, desde logo, na citação de Lauro de Oliveira Lima, na página inicial do livro: “A escola não se reduzirá a um lugar fixo murado”.

José Pacheco conhece, melhor do que ninguém, a importância da escola, da escola pública, participativa, inclusiva. Mas tem consciência de que, para cumprir as suas promessas, a escola tem de deixar os muros, a “pedagogia predial”, e construir-se como um lugar de liberdade. Permitam-me um jogo que, na verdade, não está na etimologia da palavra. Já alguma vez pensaram que *aprender* pode ser interpretado, tão simplesmente, como o contrário de *prender*? Aprender é desprender, é dar os instrumentos de conhecimento e de cultura que permitam a cada um alargar as suas margens de liberdade.

**A**s palavras de José Pacheco têm a força de uma experiência notável, a Escola da Ponte, que tem despertado tanto interesse e curiosidade no Brasil. Como Vergílio Ferreira, professor e escritor, que reconheceu no final da sua vida: “Levei quarenta

anos a explicar coisas aos alunos. Ficou-me assim o vício de explicar, mesmo o inexplicável. Precisava agora de outros quarenta anos para desaprender a explicação do que expliquei”. Esta atitude dá-lhe uma liberdade de palavra, e de escrita, que nos cativa. Os seus escritos nunca caem numa medíocre dicotomia entre os teóricos e os práticos. A melhor educação, como estes textos tão bem traduzem, está sempre num “terceiro lugar”, habitado por educadores e professores que fazem, e que refletem sobre o que fazem, que pensam, e que procuram ser coerentes, na ação, com aquilo que pensam.

Agir? Sim, agir, como escreve Anísio Teixeira em grito de 1947: “Há cem anos os educadores se repetem. Esvaem-se em palavras, esvaímos-nos em palavras e nada fizemos. Atacou-nos, por isso mesmo, um estranho pudor pela palavra. Estamos possuídos de um desespero mudo pela ação”. A educação nunca acaba, nunca está pronta. No dia em que estivermos satisfeitos com a Escola que temos, nesse dia, deixaremos de ser educadores. Porque somos feitos de inquietação, de procura, da vontade de ir sempre mais além. Porque o que dá sentido às nossas vidas é o diálogo, a viagem, o caminho. Escrever é preciso.

*António Nóvoa*  
*Brasília, 31 de Julho de 2014*

## Apresentação

Nesta obra, o Prof. José Pacheco volta a utilizar o gênero textual epistolar de *Para Alice, com amor*. Só que, ao contrário de lá, em que se dirigia exclusivamente, e de maneira emocionante, à netinha preparando-a para a entrada na escola, aqui são muitos os destinatários e com grande variedade de características, tanto em termos do tempo (do séc. XVII ao XXI), do espaço (atividades nos mais diversos estados brasileiros, sendo que alguns também no exterior), da profissão (educadores, em sua maioria, mas também sociólogos, antropólogos, padres, líderes comunitários, poetas, músicos, jornalistas, juristas, médicos etc.). Todavia, todos com uma peculiar contribuição a dar na construção do *Aprender em Comunidade*, garimpada com muito rigor, precisão e paixão pelo Autor.

Um aspecto formal do livro que cabe destacar é que além, propriamente, das cartas, o Prof. José Pacheco nos presenteia com um relevante complemento: Biografia e Bibliografia (incluindo obras do destinatário, obras sobre ele e páginas da internet). Esse complemento difere um pouco do gênero textual carta, mas é de grande ajuda (até porque, devo confessar, algumas das pessoas a quem se dirige eram desconhecidas para mim também...).

O eixo central da obra é o *Aprender em Comunidade*, a ideia riquíssima de Comunidade de Aprendizagem. E, bem ao estilo do autor, não parte de definições e postulados. Vai dando elementos para essa construção: é como se em cada uma das cartas fossem disponibilizados elementos, peças para que cada leitor possa montar o seu mosaico, fazer a sua elaboração, a sua construção, a sua visão. Paralelamente, da mesma forma, ao longo de todo o livro, três teses são afirmadas. A primeira é a relativa ao resgate da memória, a superação da ditadura do presente e da “novidade” (no sentido festivo, midiático). A segunda, é a absoluta necessidade da atitude de indignação frente ao modelo escolar desumano, predominante e historicamente dado. A terceira, é o combate ao Complexo de Vira-Lata (Nelson Rodrigues), essa mania que os brasileiros têm de só valorizar o que vem do exterior.

Por tudo isto, as cartas podem ser caracterizadas como tendo aquele sentido profético, isto é, de denúncia e de anúncio. Não devemos mais tolerar este paradigma disciplinar instrucionista do currículo, que faz com que tantas e tantas crianças, concluam tão precocemente que “não são boas para o estudo”. Sabemos que a introjeção da culpa é um dos mais perversos mecanismos de dominação. Nesta medida, tendo ou não consciência disto, muitos educadores estão contribuindo para a intolerável situação prevista por Josué de Castro, qual seja, termos dois tipos de pessoas na sociedade: *os que não comem porque não têm o que comer, e os que não dormem, de medo dos que não comem!* Que venham as Comunidades de Aprendizagem!

Ao mesmo tempo em que demonstra profundo conhecimento pedagógico (e da cultura brasileira), o Prof. José Pacheco revela-se um menino, no sentido mais radical do pulsar de vida, alegria, convicção, insistência e esperança. De fato, parafraseando o Grande Mestre, partilhamos esta crença: quem não for como criança, não entrará no Reino da Pedagogia! Desejo a todos uma excelente leitura (e novas práticas nela inspirada)!

São Paulo, inverno de 2014

Prof. Celso dos S. Vasconcellos

## O porquê de algumas cartas

Talvez devido à minha origem – as chamadas “ciências exatas” – dou por mim a usar metáforas da Física. Por exemplo, o conceito de inércia: perante os trágicos efeitos que produzem, por que razão as escolas e os professores não mudam? Ou o de resiliência: por que razão alguns mudam, apesar dos imensos obstáculos que se lhes deparam? Que estranha energia os anima? Se a maioria cultiva a “resistência à mudança” – conceito caro às ciências da educação – como e porque acontece a mudança de alguns?

Em 1905, o físico Einstein criou uma fórmula:  $e=mc^2$ . Ensaiei a sua adaptação, dado que a Pedagogia vem adotando conceitos da Física. E assim ficou: a energia (e) de alguns é resultante de uma mudança (m) operada por contágio (c) combinado com um determinado contexto (c). A mudança acontece pelo exemplo dos educadores – a sua práxis coerente com os valores dos seus PPP. Acontece quando esse contágio se associa ao contexto, no qual a educação pode e deve acontecer, isto é, a comunidade.

Desde há mais de quarenta anos, assisto a tentativas de reformas e à inevitável falência de reformas que não ousam operar rupturas. Manifesto a perplexidade que levou Einstein a afirmar que insistir no errado é sintoma de loucura. E formulo perguntas consideradas incômodas. O que se aprende dentro de um edifício escolar, que não possa ser aprendido fora dos seus muros?

O espaço de aprender é todo o espaço, tanto o universo físico como o virtual, é a vizinhança fraterna. E quando se aprende? Nas quatro horas diárias de uma escola-motel? Duzentos dias por ano? Que sentido faz uma “idade de corte”, se não existe uma idade para começar a aprender? A todo o momento aprendemos, desde que a aprendizagem seja significativa, integradora, diversificada, ativa, socializadora. O tempo de aprender é o tempo de viver, as vinte e quatro horas de cada dia, nos trezentos e sessenta e cinco dias (ou 366) de cada ano.

Urge rever os conceitos de espaço e tempo de aprendizagem, para que os “paidagogos” não mais conduzam as crianças da comunidade para a escola, mas as libertem da reclusão num gueto escolar e as devolvam à comunidade, na qual a escola constitui um nodo de uma rede de aprendizagem colaborativa. Enquanto a comunicação social faz eco de discurso de políticos, que nos falam de desenvolvimento sustentável e dos saberes e competências para fazer face

a um mundo incerto e em mudança acelerada, os profissionais da educação reproduzem práticas fósseis. Assistimos à perpetuação de uma gestão centralizada do sistema, impedindo que as escolas assumam a dignidade da autonomia e se constituam em elementos orgânicos de comunidades de aprendizagem. Num tempo em que se proclama o reconhecimento das diferenças, o ato pedagógico mantém-se cativo de um fordismo tardio, ainda que se enfeite a sala de aula com novas tecnologias.

Mas tenho motivos para ser esperançoso. De uma escola agonizante, vejo emergir práticas protagonizadas por educadores, que compreenderam que escolas não são edifícios. Congratulo-me com a iniciativa de universidades, que se assumem como “multidiversidades” e desenvolvem estudos em torno do conceito de “comunidade de aprendizagem”. Aprendo com educadores, que aprendem com outros educadores, mediatizados pelo mundo, sabendo que não se trata de “levar a comunidade para a escola”, ou de fazer “visitas de estudo à comunidade”, pois ninguém visita a sua própria casa... Talvez essas práticas anunciem ter chegado o tempo de novas construções sociais, de uma outra “escola”. Talvez esteja em curso a tão esperada ruptura paradigmática.

Não restrinjo o âmbito da intervenção educacional aos contributos da pedagogia, embora faça uso corrente dessa palavra. Prefiro falar de ciências da educação, pois nelas concorrem até ciências como a Etologia. E, nessa perspectiva, poderei afirmar que o Brasil dispõe de um espólio científico invejável. Entre muitos outros, que poderia citar, evoco: na Psicologia, e escolanovista Helena Antipoff; na Sociologia, o corajoso Florestan Fernandes; na Medicina, a genial Nise da Silveira; na Antropologia, o incontornável Darcy Ribeiro; na Pedagogia, o profético Lauro de Oliveira Lima... Muitos dos grandes educadores brasileiros estão ausentes deste inventário. Que o leitor acrescente outros nomes, faça garimpagem de sebo, pois eu poderia ter incluído Câmara Cascudo, Herculano Pires e outros ostracizados, cujas memórias foram assassinadas, cujas obras os professores de hoje não leram, ou mesmo os nomes ignoram. É provável que alguns (poucos) sejam identificados. Porém, os seus contributos ainda não fertilizaram as práticas. Freire incluído...

As suas propostas têm diferentes origens e filiações: no Positivismo, na Escola Nova, na Educação Libertária, na Antroposofia, na Teoria Crítica... Definem-se como: montessorianos, steinerianos, espíritas, anarquistas, neo-marxistas, ou

não enquadrados em qualquer destas tribos. Têm em comum a crítica da velha escola e o apontar da necessidade de a substituir por comunidades de aprendizagem, expressão que surge pela primeira vez na obra de Lauro, mas que, no *pout pourri* de tendências e práticas, se manifestou no Brasil desde o início do vigésimo século.

Algum tempo atrás, a minha amiga Maria Amélia, da Casa Redonda de Carapicuíba, presenteou-me com um esboço elaborado por Lauro de Oliveira Lima, no início da década de 1960. Isso mesmo: nos anos sessenta! A visão percussora do Mestre Lauro impressiona. Embora marcado pela época, o esboço antecipou em trinta anos os primeiros estudos conhecidos sobre comunidades de aprendizagem de origem anglo-saxônica e catalã. O meu espanto foi maior, quando li a produção científica brasileira disponível sobre comunidade de aprendizagem. As referências bibliográficas e as práticas estudadas são quase todas importadas. Mais ainda: apercebi-me de um absoluto desconhecimento da produção teórica do Lauro e de outros brasileiros por parte dos autores dos estudos. Síndrome do vira-lata na comunidade científica brasileira?

Por que razão tomei a iniciativa de escrever este livro? Para suscitar o interesse pelo conhecimento da biografia e da obra de educadores brasileiros ignorados pelos educadores brasileiros. Para procurar entender por que falharam as nobres tentativas de mudança tentadas por Freire, Florestan e tantos outros grandes mestres. No desenvolvimento deste desiderato, deparei-me com a existência de um denominador comum nas obras desses mestres: cada qual a seu modo, referindo, ou não, a palavra comunidade, apontaram para a necessidade de aprender em... comunidade.

Ao longo de um ano, fui registrando reflexões sob a forma de cartas. Vejo, agora, que redigi um enunciado de perplexidades. Os vinte e cinco extintos destinatários das missivas anunciaram novos modos de aprender, mas quase todos mantiveram as suas práticas ancoradas no modelo de ensinar que denunciaram, à semelhança dos vivos, que tomam consciência da falência do velho modelo e, paradoxalmente, nele insistem. É certo que a herança totalitária do Vargas, que liquidou os intentos da Nise, bem como o tempo dos generais, que exilou Freire, explicam parcialmente esse paradoxo. Mas continuo perplexo perante tentativas

de melhorar o que já não pode ser melhorado, perante as práxis de educadores que ainda confundem educar com escolarizar.

As cartas, que compõem este livro, são portadoras de boas e más notícias do mundo dos vivos. E, como referi, são mensageiras de mais um propósito: o de dar a conhecer educadores finados talvez ignorados pelos educadores vivos. Não seguem a ordem cronológica das existências dos educadores a quem as dirigi. A primeira age como justificação de serem dirigidas àqueles que já não estão entre nós. A segunda foi produto de impulso, a reação a medidas políticas, que significam retrocesso. À semelhança das iniciais, as restantes cartas seguem o exemplo do Vieira, que, num dos seus sermões, coloca Antônio de Bulhões a falar com os peixes, porque os homens o não ouvem falar. Isso mesmo: enviei cartas aos mortos, por me parecer que os vivos desaprenderam de escutar. Espero estar errado na minha conclusão e, por isso, dessas missivas dou conhecimento ao eventual leitor.

Já não me recordo de quem terá escrito que, junto com Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darci Ribeiro, Lauro de Oliveira Lima formam o quarteto mais fecundo, fértil e injustiçado da história da educação em nosso país, mas sei que li algo assim. E não são apenas estes os injustiçados. Temos registros de muitos mais. Neste livro encontrareis alguns. Que me perdoem os excelentes pedagogos vivos, se optei por conversar com aqueles que já não são deste mundo. E que eu seja perdoado pelos mortos merecedores de referência, mas cuja evocação não consta destas páginas.

Quando a eternidade se aproxima, enquanto o discernimento não se esvai por completo e a calma se harmoniza com a urgência, não encontro modo mais fácil de conversar com futuros companheiros do que através de missivas enviadas para lugares etéreos, na esperança de que também venham a ser lidas por educadores sensíveis. Na singela intenção de despertar os educadores brasileiros para o rico patrimônio legado pelos mestres de antanho se resume este exercício epistolar. Portanto, estas cartas também são dirigidas ao educador que existe em cada um de nós. Façamos delas bom proveito, começando por ler as obras dos mortos, para delas extrair elementos úteis para os projetos dos vivos.

Não foi minha intenção escrever um ensaio sobre comunidades de aprendizagem. Optei pelo tom coloquial, acessível a todo e qualquer leitor, ao

que junto a sugestão de abordagens mais aprofundadas, ditas científicas, que as escolas e as universidades poderão (e deverão) produzir. Mas, nas entrelinhas destas cartas, talvez o leitor encontre contributos para repensar a escola e conceber uma nova construção social, que, efetivamente, eduque e seja agente de desenvolvimento humano sustentável. Poderá, à míngua de melhor designação, dar-lhe o nome de... comunidade de aprendizagem.

São Luiz, Abril de 2013

Prezado Antônio,

Em São Luís do Maranhão, longe da Lisboa onde Santo António havia nascido, quiseste lembrar o “santo casamenteiro”, atribuindo ao sermão proferido nessa data a designação de “Sermão de Santo António aos Peixes”. Estávamos em 13 de junho de 1654. Três dias depois, embarcaste para Portugal, escondido no fundo de uma nau. Estava no auge a luta dos jesuítas contra a escravização dos índios e tu ias procurar apoio no outro lado do mar.

Esse teu sermão é revelador da tua ironia e da capacidade de observação dos vícios dos colonizadores e dos esbirros da Inquisição, que lograste ludibriar recorrendo a alegorias. Jesuíta inteligente e moralista exímio, deitaste mão a metáforas memoráveis, que, se eram ajustadas à crítica dos costumes da sociedade do século XVII, continuam atuais – quiseste pregar aos peixes, enquanto os homens não te quisessem escutar.

Permite, meu Vieira pregador, que transcreva um excerto do teu primeiro sermão: *Pregava Santo António e, como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria porventura a prudência ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes.*

Este trecho é tão eloquente (e atual!), que qualquer peixe, por menos atento que seja, lhe conferirá significado. Porém, o mesmo não sucede com os homens. A educação brasileira, que, em recuados tempos, sofreu os efeitos da Inquisição, continua cativa de novas inquisições. Se não, repara... Reconhecendo que os alunos da escola pública “estão em desvantagem”, se instituiu bonificação de 20% sobre a nota do vestibular, para usufruto dos pobres coitados, que foram objeto de mau trato pedagógico. Acreditas que já são formados professores “especializados em... *bullying*? E a desigualdade perpetua-se por via de uma

tradição hierárquica. Imagina que, nas pobres escolas que ainda temos, existe hierarquia até na hora de urinar, ou defecar. Essas escolas têm banheiro de alunos separado de banheiro de professores. É verdade, isso te asseguro! Presumo que nos lares dos ilustres pedagogos dessas escolas também haja banheiros separados, encimados por dísticos como: “banheiro de papai”, “banheiro de mamãe”, “banheiro de filhos” ...

Outro Antônio (o amigo Nóvoa) tem denunciado a “pobreza das práticas”, mas parece que, também, somente os peixes lhe dão ouvidos. Tal como fez o Mestre Agostinho da Silva, outro português no Brasil. Tentava concretizar os teus princípios – que o homem não foi feito para trabalhar, mas para criar e que a vida deve ser gratuita – na Brasília da década de 1960, quando a ditadura o afastou da companhia do Darcy e fez abortar projetos de uma escola humanizada.

Mas fica sabendo, caro Vieira, que o sonho não esmorece. Na mesma Brasília, acontecem encontros de educadores, que já pensam e fazem a educação necessária. Sei que estarás conosco, em espírito. *Requiescat in pace!*

PS: Acaso tenhas acesso à terrena literatura, espreita uma coleção de livros, que nos falam de eminentes educadores brasileiros e que o MEC disponibilizou para download gratuito (depois te explicarei o significado da sigla e do estrangeirismo). Tomarás consciência de que não estás só, bem como da riqueza da produção científica no campo da educação. Porém, não te entusiasmes demasiado, pois a maioria dos professores brasileiros desconhece esse valioso patrimônio.

.....

Padre Antônio Vieira

Biografia:

Brasília, Agosto de 2013

Querido Darcy, escutei o teu apelo, já quando o câncer consumia o teu último sopro de vida. Vi-te sofrer o exílio, enquanto o teu país dormia distraído, *sem perceber que era subtraído em tenebrosas transações*. Vão sacrifício o teu, porque as escolas continuam a não ensinar. A lei, que fizeste aprovar nos idos de 96, continua sendo letra morta. Imagina que os autores de uma anunciada *reforma* creem que o sistema irá melhorar com *boletins e reprovações*, ou quando, *pelo menos um período por dia seja dedicado ao desenvolvimento de atividades interdisciplinares*. Leste bem, Darcy: um período por dia! Ou *quando houver espaço para que professores trabalhem por projetos em algumas disciplinas*. Em algumas disciplinas! Ou, ainda, quando *no último ciclo, os alunos sejam protagonistas do próprio aprendizado*. Somente no último ciclo acontecerá a *emancipação social e cidadã dos alunos* (sic!).

É triste, caro Darcy, verificar que aqueles que detêm o poder de mudar não entendam que, junto com Anísio Teixeira, Paulo Freire e Lauro de Oliveira Lima, tu formas *o quarteto mais fecundo, fértil e injustiçado da história da educação em nosso país*. É lamentável que ousem afirmar que, há décadas, foi *implantada a chamada progressão continuada*, quando, na verdade, ela nunca foi implantada. É lamentável que continues ostracizado e que equívocos entre avaliação e classificação gerem inúteis “mudanças” de *conceito para nota*. Que se promovam inúteis alterações na cartesiana segmentação em ciclo. Que se confunda trabalho de projeto com caricaturas de trabalho de projeto...

Os nossos governantes lamentam que apenas 34% dos alunos apresentem conhecimento adequado ou avançado em português e 27% em matemática; ou que, na 8ª série, 23% estejam com nível adequado e avançado em português e 10% apresentem esse resultado em matemática, mas cometem o despudor de ressuscitar medidas que, no passado, deram origem a esse descalabro. São medidas de retrocesso, que perenizam o velho paradigma escolar, reproduzidor de oprimidos e opressores, que o malgrado secretário de educação Paulo Freire tanto denunciou. Medidas de manutenção do desperdício de dinheiro e de gente, que servirão para perpetuar o analfabetismo, numa escola que já produziu mais de 30 milhões de analfabetos.

Ficamos sem saber se os nossos reformadores agem por ignorância ou loucura. São ignorantes aqueles que desprezam a produção científica, que ignoram a existência de práxis coerentes com a tua Lei de Bases, quem toma decisões desprovidas de bom senso. Também um súbito acesso de loucura pode ter acontecido, pois já o sábio Einstein nos avisava que *a maior insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes.*

Essas e outras inúteis “medidas” são apregoadas na comunicação social, com pompa e circunstância, despudoradamente, como de algo sério se tratasse. Eu sei que custa a crer, caro Darcy, mas é verdade. Se não me engano, foste tu quem fez esta afirmação: *o Brasil, último país a acabar com a escravidão tem uma perversidade intrínseca na sua herança, que torna a nossa classe dominante enferma de desigualdade, de descaso.* Não desespere. Fica sabendo que já muitos educadores e escolas são sensíveis aos teus apelos. Depois de tenebrosos tempos, luminosos tempos hão-de vir. Ainda que, entretanto, milhões de jovens sejam condenados à ignorância e ao sofrimento, por via de desastrosas políticas públicas.

Sei que te confessas ateu. Mas, se alguma influência tiveres junto de Deus, pede-Lhe que perdoe os nossos governantes, porque eles não sabem o que fazem.

.....

Darcy Ribeiro

Biografia:

Maceió, Abril de 2013

Armanda querida, fizeste com a Cecília o par de mulheres que, numa sociedade machista, subscreveu o Manifesto de 1932. Gesto pleno de significado de uma militante feminista, que criticava feministas, aquelas que viam no homem um ‘inimigo’ da mulher”. Também foste arrojada nas inovações que ousaste. Na fundação da Escola Proletária de Meriti, introduziste uma novidade no mundo das escolas – a merenda escolar. A Escola *Mate com Angu*, como ficou a ser conhecida, foi uma das *primeiras da América Latina a servir merenda escolar, reflexo da tua preocupação com o bem-estar das crianças. Sabias ser difícil aprender com o estômago vazio. Sem que lhe desses essa designação, viabilizavas a escola em tempo integral. Atraída pelas teses da Escola Nova, transformaste o chão da escola num laboratório, bem ao modo de Montessori. Antecipaste em um século a prática de um contra-turno em que as crianças completavam o dia de aula com o cultivo da horta e a criação de animais.*

*Pagaste elevado preço por toda a tua ousadia, querida Amanda. Quando presidente da Associação Brasileira de Educação e integrante da Aliança Nacional Libertadora, sofreste a perseguição da polícia política e acompanhaste a Olga Prestes nas prisões do Getúlio.*

As agruras da prisão não esmoreceram o teu entusiasmo, os teus ideais. E a cidade de Duque de Caxias te deve a criação da primeira biblioteca pública. Na Biblioteca Euclides da Cunha, pugnaste pela valorização da obra de autores brasileiros e desenvolveste formas criativas de mobilização da comunidade. Sabemos que tentaste retomar as atividades na direção da tua escola e que as autoridades te impediram que o fizesses. Diante das dificuldades para manter a escola em funcionamento, tentaste transferi-la para o governo estadual. Porém, não houve receptividade da parte do governo, que recusou manter a instituição nos moldes em que fora concebida. Mais uma vez, a burocracia deitou a perder uma oportunidade de revitalização educacional.

Crê, minha amiga, que a via sacra da educação brasileira se perpetua por obra da ignorância do poder público, a mesma ignorância que enfrentaste e que atravessou todo o século XX, deixando um rastro de analfabetismo, exclusão, infelicidade. O sistema não assegura o acesso a todas as crianças em idade escolar e o sucesso a cada uma delas. Confunde educação integral com uma

escola em tempo integral, que nem isso chega a ser. Busca superar crises através de reformas setoriais, ou por via de medidas de política educativa que não ousam operar rupturas paradigmáticas. E, porque ainda padece da síndrome do vira-lata, o Brasil exilou Freire e despreza os contributos dos seus excelentes educadores, enquanto importa “novas tecnologias” do hemisfério norte.

Mas, *au bout du chagrin, une fenêtre ouverte une fenêtre éclairée* (as senhoras da tua geração sabiam ler o Paul Éluard...) – uma janela de esperança se abre sobre uma desoladora paisagem. Num cenário de mudança, novas construções sociais emergem de um sistema educativo doente, outra educação se mostra possível. E as comunidades de aprendizagem surgem, não como enfeite de tese, ou paliativo para a precária situação, mas como uma das possíveis alternativas à escola que ainda temos.

Foram precisos mais de oitenta anos para que alguns dos anseios inscritos no manifesto, que subscreveste, pudessem concretizar-se, atualizar-se num terceiro manifesto. Já o leste? Encontrarás uma cópia desse documento anexa a esta carta. Sei que irás gostar de o ler.

.....

Armanda Alberto

Biografia:

Florianópolis, Maio de 2013

Aqui estou, na tua querida Florianópolis, querido Mestre Agostinho. Como em Salvador, Brasília, ou João Pessoa, bem acompanhado das tuas sábias palavras, através das quais demonstravas que, mais importante do que educar, é evitar que os seres humanos se deseduquem: *cada pessoa que nasce deve ser orientada para não desanimar com o mundo que encontra à volta*. Acreditavas sermos capazes de reencontrar o que em nós é extraordinário e que poderemos transformar o mundo. Mas em vão pugnaste por transformar o mundo, por encontrar tratamento dos males da educação, pois partiste de Brasília, quando a pátria mãe andava distraída em tenebrosas transações e a ditadura levou Darcy ao exílio. Quiseste trocar o lema *ordem e progresso por liberdade e desenvolvimento*, mas deixaste no início do início um projeto de universidade, que continua tão ancilosada como quando partiste.

Etimologicamente, educar significa *levar de um lugar para outro*. E a palavra crise – do grego *Krisis* – designa o momento crítico, no qual o médico, após fazer o diagnóstico da maleita, deve tomar uma decisão: qual deverá ser o tratamento? Quarenta anos após a tua despedida do Brasil, a educação da tua segunda pátria continua à deriva, perdida entre modas e reformas, pois quem a pode transformar não tem poder e quem tem poder não a transforma.

Sofreste as consequências da tua desobediência, da coerência, como atesta o teu credo pedagógico: *a vida certa do mundo inteiro seria que cada um pudesse viver a sua vida e cada um dos outros pudesse ter esse espetáculo extraordinário de ver pessoas diferentes à sua volta e não, como tantas vezes acontece, sobretudo em pessoas que gostam de mandar nos países, achar que deve ser tudo igual, e quando aparece alguém diferente se ofendem, acham que está fugindo das regras, saindo da vida que deve ter*. Sabias que escolas são pessoas, comunidades feitas de pessoas, que aprendem umas com as outras. E que o desenvolvimento dessas comunidades depende da diversidade de experiências das pessoas que as integram, bem como requer que todos os membros que a constituem se envolvam num esforço de participação, da produção conjunta de conhecimento, vizinho a vizinho, numa fraternidade aprendente.

À medida que ias traduzindo para a língua brasileira a obra de Montessori e a de Oundle, compreendias que a criação de uma comunidade de aprendizagem pressupõe a reconfiguração das práticas escolares, uma indispensável ruptura paradigmática. E, de algum modo, ousaste a ruptura, gesto poético de quem aprendeu a arte de colocar o sonho em ato, porque, como dizias, *poeta é aquele que cria na vida alguma coisa que na vida não existia*. Criaste tertúlias e oficinas, viveste aquilo em que acreditavas. Se

vivesses nos dias de hoje, certamente, farias de cada biblioteca, de cada praça, ou *lan house*, lugares de aprender.

Antes de voltar a Portugal – quando a ditadura destruiu o projeto da faculdade sonhada para Brasília – estiveste muito bem acompanhado por Anísio, Darcy e outros amigos do sul, lançando sementes de mudança na educação, no reconhecimento de que não existe alternativa à concretização de utopias. E eis que elas regressam e se anunciam em Brasília. Quando puderes, lê o Manifesto lançado por educadores para quem tu continuas a ser inspiração. Educadores que não deixaram morrer a criança grande que os habita, que percebem o significado da entronização da criança na Festa do Divino, objeto de muitas das tuas reflexões. Em Floripa e outros lugares do Brasil que amaste, essa celebração é mantida por gente que sabe que nascemos para criar e que a vida deve ser gratuita.

.....

Agostinho da Silva

Biografia:

Matinhos, Maio de 2013

Amigo Fernando, venho trazer-te notícia do terceiro manifesto, embora creia que, nesse lugar etéreo onde subiste, não careças de informação e presuma que possas presenciar tudo quanto na Terra acontece. Dirijo-me a ti, que pugnaste por uma nova política de educação, que redigiste e, em 1922, foste o primeiro signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. A ti, que estiveste presente no malogrado manifesto de 1959 e partiste sem veres frutos do teu árduo labor. Não desanimes, caro Fernando, porque o terceiro dos manifestos não terá o destino que tiveram os anteriores. De onde me vem esta certeza? – perguntarás. De ver surgir iniciativas e projetos que, notoriamente, operam uma profunda ruptura com o paradigma de escola do século XIX. E de assistir ao encontro de muitas e variadas gentes, irmanadas num mesmo propósito. No teu propósito.

Crê que compreendo a tua apreensão. A universidade que ajudaste a fundar em São Paulo, à semelhança de outras universidades, parece adotar nas suas práticas o aforismo *olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço*, contribuindo para a prossecução de políticas educativas equivocadas e a manutenção de um modelo epistemológico que, em vida, tu tanto contestaste. Perdoa a franqueza, amigo Fernando, mas nunca vi gente tão contraditória como a dos teus pares. É gente com grande responsabilidade na definição de políticas educacionais e, se a universidade é referência matricial, é prejudicial o exemplo que os académicos dão às escolas, o exemplo da incoerência entre a teoria que colocam nas teses e as práticas que desenvolvem. Quando observo práticas híbridas, ou mesmo contraditórias, temo pelos consequências. Saberás explicar-me como é possível ser teórico sócio construtivista e prático de dar aula? E será possível ensinar *métodos ativos* num contexto de passividade? É, exatamente, isso, que por lá se faz.

Presumo que, no teu eterno descanso, terás muito tempo livre (ainda que o tempo seja ilusão, invenção dos terráqueos). Por isso, me atrevo a ocupar um tempo a contar-te um episódio, que ilustra o que acabo de dizer. Após uma palestra, fui interpelado pelo palestrante seguinte: *Vou fazer a próxima palestra*

*e estou sem saber o que fazer. Acabaste de dizer que aula é inútil e prejudicial. E a palestra que preparei é sobre planejamento de aula.*

Manifestei-lhe a minha perplexidade: Tu, que és professor universitário, sabes que aula é inútil e prejudicial. Por que não o dizes?

*Eu sei que tens razão – concluiu, pesaroso –, mas eu não poderei dizer isso aos professores, porque...eu dou aula na minha faculdade.*

Saudoso Fernando, a educação do teu Brasil continua cativa de atavismos. Os contributos do Paulo, do Florestan, do Lauro e de outros insignes pedagogos têm sido trocados por teorias importadas do hemisfério Norte. As comunidades de aprendizagem têm sido objeto de estudo, a partir de uma matriz teórica estrangeira e isso talvez isso se deva ao desconhecimento da presença desse conceito nas obras de autores brasileiros. As práticas de comunidade de aprendizagem são escassas e tomam por referência experiências realizadas na década de 1990, nos Estados Unidos e na Espanha. Os académicos que as implementam ignoram que, ainda que sob outras designações, já na década de 1960 (no Brasil) e na de 1970 (em Portugal), foram desenvolvidas práticas com as características de comunidade de aprendizagem. Essa será, creio, uma das formas possíveis de novas construções sociais, para que a velha escola possa, finalmente, implodir. Porém, as escolas onde os académicos vêm introduzindo projetos com essa designação mantêm-se ancoradas no modelo de escola tradicional.

O Paulo falava da necessidade do contato pessoal, físico, com a realidade, para além dos muros da escola. Tal como o teu amigo Florestan, sociólogo consciente dessa necessidade, e que, por agir em coerência com os seus princípios tantas vezes tiveste de proteger e acompanhar nos interrogatórios a que o DOPS o submetia. Mas, enquanto a plêiade educacional da tua geração defendia que a educação deveria ser pensada a partir das comunidades, de modo que os processos de aprendizagem assumissem um papel transformador nas sociedades, ainda há quem creia que o modelo escolar é o único modelo de educação e que a escola edifício é o único lugar onde se pode aprender. Fernando, estou a falar de comunidades de aprendizagem. Para que elas surjam, não basta que uma instituição de ensino superior (nunca ouvi falar de ensino inferior, mas, se há ensino que se diz superior...) ofereça um projeto de extensão às escolas, ou que estas abram as suas portas, para que as famílias

nelas entrem. Participar não consiste apenas intervir em reuniões, ou pertencer a uma associação de pais e mestres. É preciso que os muros das escolas sejam derrubados, que catracas e câmeras de vigilância sejam desativadas, para darem lugar a amplos espaços de fraterna vizinhança, para que as novas gerações aprendam no contexto das suas comunidades.

Recentes produções consideradas científicas vão em outra direção. E preocupome com o rumo que a aplicação desses produtos do engenho humano estão a tomar. Parece que a universidade, que tanto buscaste transformar, se mantém ancorada num modelo epistemológico de novecentos. Peço que sejas paciente na leitura de insignificantes registros críticos, que aqui deixo, e que me digas de tua justiça.

A produção acadêmica, que toma por objeto a *comunidade de aprendizagem*, consagra o princípio do *diálogo igualitário*. Mas, de que modo o *diálogo igualitário* – princípio que estabelece que, *nos espaços de tomadas de decisão, a comunicação deve se basear pela força dos argumentos, e não por posições de poder que cada pessoa ocupa – poderá ser conciliado com a manutenção de uma gestão de escola hierárquica? E, se a capacidade de aprender e de apreender de diversas maneiras se dá ao longo da vida, por que razão em grande parte ela se subordina ao tempo escolar? Se existe uma intenção de transformar as relações entre as pessoas em outra lógica que não a da competitividade, mas a da cooperação, porquê manter nas experiências em curso os rituais de uma escola competitiva, seletiva, excludente?*

Quando se assume que, em comunidade de aprendizagem, se busca trabalhar a gestão da escola em uma perspectiva democrática, participativa e dialógica, por que se institui uma comissão gestora da escola, se esta não substitui os órgãos de gestão tradicionais? De que modo a gestão escolar ficará mais democrática e compartilhada, através da introdução (ou intrusão...) de um órgão de gestão paralelo aos órgãos de gestão tradicionais, que são quem detém o poder efetivo na escola?

É muito reducionista a definição do conceito e a utilização do *grupo interativo* como recurso para a revisão de conteúdo já trabalhado em sala de aula. A presença de diferentes pessoas em espaços de aprendizagem, numa sala de aula ou fora dela, é prática há muito tempo utilizada em escolas que prescindiram da “aceleração da aprendizagem”, de “classes de reforço” e de outros

dispositivos de educação compensatória. Nestas escolas, os jovens aprendentes não são distribuídos por grupos previamente estabelecidos pelo professor, mas pela auto-organização, em função de objetivos comuns e contemplando a heterogeneidade. As equipes assim constituídas são acompanhadas por tutores, que asseguram a mediação da aprendizagem, que o desenvolvimento dos diferentes projetos requer.

Atividades como as tertúlias dialógicas, a biblioteca tutorada, ou os grupos interativos são considerados inovação. Sê-lo-ão? E se afirmarmos que, desde há muito tempo, vêm sendo desenvolvidas em escolas com projetos? É certo que essas atividades poderão constituir-se em excelentes contributos para a melhoria das aprendizagens... se não forem meros dispositivos de complemento curricular.

Não faz sentido que a leitura de um livro, no contexto de uma tertúlia literária dialógica seja remetida para o domínio da sala de aula. Nem se percebe por que razão a biblioteca tutorada é um espaço aberto em horário contrário ao da sala de aula. Por que razão a biblioteca não é utilizada durante as aulas? Ou, melhor dizendo, por que não substituir a aula por uma permanente aprendizagem, realizada a todo o momento e em múltiplos contextos sociais?

Caro Fernando, se no teu etéreo descanso, existe o hábito de orar, reza para que as mentes dos teu colegas universitários se iluminem.

.....

Fernando Azevedo

Biografia:

Natal, Junho de 2013

Prezado João, que nos falavas de quantos morrem sem nunca terem vivido, fica sabendo que ainda se morre no Brasil *de morte igual, da mesma morte severina: a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte*. Enquanto releio o teu desabafo – *Escolas são usinas, que engolem gente e vomitam bagaço* – medito sobre a cruel atualidade das tuas palavras: o que fizemos de meio século de história? *Aqui, na Terra*, caro João, *estão jogando futebol* em estádios que custam milhões, enquanto *se morre de fome um pouco por dia, porque a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida*.

Gostaria de poder dar-te boas notícias da educação, mas essas são poucas. Delas não falam os jornais, apenas te darei notícia de professores atentos à tragédia. Escutemos a Ellen, conversando com os seus alunos sobre o que querem ser:

*Uma boa parte quer ser médica, outra parte quer ser engenheira e não identifiquei algum querendo ser professor. A comunidade na qual se localiza a escola que trabalho tem altos índices de violência. Descobri que alguns alunos gostariam muito de ser pedreiros... Mas porquê sonhar com uma profissão tão árdua e de pouca remuneração? Fiquei sem entender! Até que um daqueles, que sonham em ser pedreiro, teve dó de mim e resolveu explicar o motivo de muitos quererem essa profissão.*

*Tia, a senhora sabe o que é e o que faz um pedreiro?*

*Pedreiro é o profissional que trabalha na construção civil. Não deverias tentar ser doutor, criaturinha?*

*Ele sorriu e respondeu:*

*Tia, pedreiro é quem vende pedra de crack. Aqui, na comunidade, quem vende mais pedras ganha mais, tem “participação nas vendas”. A senhora não vê alguns alunos com celulares de última geração e cordão da moda? Compram com o dinheiro da “comissão” da venda.*

*Neste momento, meu mundo desabou completamente.*

E, quando se justifica uma ajuda a professores que querem mudar o seu mundo, melhorar a escola, crê, caro João, que se contrata mais polícias e se constrói mais prisões...

Outro João me confidenciou que a diretora da escola o chamou, para lhe sugerir que levasse o seu filho para uma escola particular, porque aquela *só tinha aluno marginal*, aquele aluno que a escola-usina vomita como bagaço, na ignorância de que o *marginal* regressará, armado de fuzil de assaltar, ou já cadáver, exibido nos jornais e na tv.

A curiosidade levou-me até à escola dos ditos *marginais*. Contornei altos muros e dispositivos de proteção. Passei por jardins cobertos de lixo. Desemboquei num pátio repleto de avisos de proibições, entremeados de grades. Por detrás de outras grades, o olhar inquisidor de uma funcionária fuzilava o visitante (os olhos de outra funcionária estava pousado no *facebook*). Escutei os gritos de professores, dando aula. Vi jovens alheios à aula, bocejando, usando celular, acondicionando fones nos ouvidos.

Em pleno século XXI, o da suposta valorização de minorias, num lugar remoto do nosso Brasil, escuto narrativas de culturas destruídas. Como aquela que nos fala de um astrônomo que visita uma aldeia, instala a sua luneta e convida um jovem indígena a espreitar constelações.

Consegues ver a constelação de escorpião? – pergunta o astrônomo.

Não. Eu vejo a da onça – responde o indígena.

Decorridos dois anos, o cientista reencontra o mesmo jovem na universidade. E renova a pergunta: *Então, meu jovem, já consegues ver o escorpião?*

O jovem indígena responde: Consigo ver o escorpião, sim... mas deixei de ver a onça.

Houve um dia em que o escorpião matou a onça. E, agora, João?

.....

João Cabral de Melo Neto

Biografia:

Macapá, Junho de 2013

Que afirmação audaz fizeste, amigo Milton: *comunicação é troca de emoção*. E como me emociona poder falar-te, por teres deixado na Terra um rastro de amor incondicional. Porque, apesar de teres sofrido na negra pele um duplo ostracismo, te mantiveste semeador de paz. O teu exemplo nos ajuda a continuar pugnando pelo fim de um tempo em que ainda *existem duas classes sociais, as do que não comem e as dos que não dormem com medo da revolução dos que não comem*. É bem verdade que, se *na pré-história os homens das cavernas viviam em bandos para se defenderem dos predadores, hoje os homens vivem em bandos para depredar*. Mas não te trago lamentações nesta carta. Trago-te esperança. Não tarda, a geografia brasileira será outra. Na humana geografia deste país, acontecerá cidadania plena através do aprender em comunidade.

Caro amigo, esse aprender em comunidade pressupõe uma outra formação de professores. Geógrafo eminente, sabes que aquela que vem sendo feita orienta-se por velhos princípios (do Oriente geográfico, isso mesmo, que a linguagem reproduz cultura) e permanece colonizada por pedagogias vindas do Norte (norteia-se...). Mas já o Freire, na sua Pedagogia da Esperança, recomendava que o educador brasileiro não se norteasse, que se suliasse. Se os professores brasileiros estudam os autores do Norte, por que desconhecem os do Sul? Compreenderiam que a proposta da italiana Montessori foi reinterpretada por Agostinho da Silva, que o ideário de Pestalozzi foi posto em prática pelo Eurípedes, aprenderiam o Piaget abrasileirado pelo Lauro, ou o pragmatismo do norte-americano Dewey adaptado pelo Anísio.

Aprender em comunidade requer a adoção de princípios trans-formadores. É a cultura pessoal e profissional do educador que está em causa. Ter-se-á de entender que a teoria não antecede a prática e que é a dificuldade sentida na prática que justifica a busca de teoria, com vista a uma práxis coerente. É um erro pensar que a teoria precede a prática, assim como agir na prática desprezando a teoria. A necessária reelaboração cultural requer alteração de padrões atitudinais, que são complexos e de modificação gradual. Nesses processos de transformação, urge considerar um renovado conceito no campo da formação: o isomorfismo. Dito em código restrito: o modo como o professor aprende é o modo como o professor ensina. É inútil “capacitar o formando em

alfabetização”, ou servir-lhe o Piaget em dez aulas, porque quem o capacita nunca praticou e, quando o professor voltar à sala de aula, o Piaget já lá não estará... E que, na génese das comunidades, se priorize a necessidade da transformação do professor-objeto de formação em professor-sujeito no contexto de uma equipe de projeto. Tudo isso tu sabias, caro Milton, ainda que nunca o tivesses escrito. Os teus méritos não foram reconhecidos, como não o foram os de muitos outros brasileiros, por via da síndrome do vira-lata, que afeta até os menos distraídos.

Quando perguntaram a Orson Wells como havia conseguido, em seu primeiro filme, realizar uma obra-prima nunca superada na história do cinema, diz-se que terá respondido: *Por ignorância, porque eu achava que se podia fazer tudo em cinema.* Na mesma linha de raciocínio e na intenção de provocar a curiosidade dos mais distraídos, cito o teu contemporâneo Freire: *criar o que não existe ainda deve ser a pretensão de todo sujeito que está vivo.* Isto é: reelaborar o conceito de comunidades de aprendizagem é construir um inédito viável... mas integrando contributos teóricos de brasileiros. Sem enjeitar os contributos anglo-saxônicos e catalães, claro. E, se deste modo me pronuncio é porque tive a desagradável surpresa de achar escassas referências a autores brasileiros nas bibliografias de teses e de raramente encontrar as suas obras nas bibliotecas das faculdades de pedagogia. Os professores foram privados do acesso a essas obras e a maioria dos diplomados nem os nomes de ilustres educadores brasileiros conhece. Perderam-se entre a ditadura do Vargas e os calabouços do DOPS...

A experiência humana não poderá continuar a ser destruída pelo modelo civilizacional que os poderosos de ontem e de hoje impuseram a frágeis criaturas, que apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une. No condomínio de luxo, como nas favelas, foram destruídas as redes de vizinhança, a convivência fraterna. Mas, se é verdade que existem comunidades espirituais, procura aquela onde o Floriano e o Moreira César habitam na eternidade e diz-lhes que o espírito de Canudos não morreu.

.....

Milton Santos

Biografia:

Canudos, Julho de 2013

Infeliz Antônio, terias ensejo de ensinar aritmética, português, geografia, francês, latim, e de cultivar o teu maior prazer: o estudo das lendas populares da idade média, mas não conseguiste ficar muito tempo nas escolas de fazenda, ao serviço dos barões. Abandonaste o ofício de professor, para peregrinar pelo sertão e te expores a conspirações e calúnias. Tarde te iniciaste na arte de ensinar e escassos foram os anos em que te dedicaste a uma docência precária e mal remunerada, pois buscaste sustento em profissões de mais generosos proventos. Soube que foste escrivão, solicitador e até advogado sem diploma. Até ao dia – que não quero recordar-te por ser dolorosa lembrança –, em que te decidiste pela errância no interior do Ceará, restaurando e construindo capelas, igrejas, cemitérios.

Atento às pregações do padre Ibiapina, estudavas os textos sagrados e espalhavas o Evangelho entre o povo humilde, de quem escutavas preces e a quem davas consolação. Daí o cognome que te conferiram: Conselheiro. Não sei, meu caro Antônio, se terias consciência das invejas e da ira que esse teu agir despertava junto de eclesiásticos e latifundiários. Os poderosos não perdoavam a fuga de súbditos, que te seguiram e te ajudaram a fundar o arraial do Bom Jesus. De imediato, te acusaram de assassino. Mas, porque provaste a tua inocência, o teu prestígio cresceu entre a massa de deserdados. Essa humilde e castigada gente projetava na tua pessoa a esperança de libertação de um cativo de séculos, às mãos de barões e coronéis.

Aquela fazenda abandonada às margens do rio Vaza-Barris foi anunciada como a terra prometida aos miseráveis, às prostitutas e aos jagunços, que semeavam o terror no sertão da Bahia. E era tal a tua fé, que as prostitutas viraram mulheres de virtude; tão grande o teu exemplo. E os jagunços se transformaram em paladinos da justiça. Deste o nome de Belo Monte ao povoado que viria a ser conhecido por Canudos. Franciscano pedreiro, que eras, como o santo de Assis, que também foi pedreiro construtor e reconstrutor de templos, iniciaste a construção de uma igreja, congregando almas dispersas, banindo o uso do vil metal, instituindo a propriedade comum.

Não te perdoaram a utopia de um Brasil sem violência, sem prostituição física ou espiritual, sem corrupção. O genocídio perpetrado por um exército manipulado por políticos da mesma estirpe dos de hoje mataram o teu sonho de uma sociedade justa. Os poderosos do século XIX negaram a quinze mil seres humanos o direito a uma vida digna. Os poderosos do século XXI mantêm o mesmo iníquo sistema, que nega o direito à educação a um terço da população brasileira. Mas o que importa reter, caro Antônio, é que, talvez pela tua origem de pedagogo, intuitivamente deste origem a algo que, na atualidade, poderíamos chamar de comunidade de aprendizagem. Acolheste a heterogeneidade social e cultural, asseguraste inclusão, criaste condições de satisfação de necessidades básicas, concretizaste um projeto de desenvolvimento humano sustentável.

O teu sacrifício não foi em vão. Decorrido quase um século após a tua morte, Agostinho da Silva evocaria a tua memória: *temos de reorganizar todo o sistema educacional com o espírito de descobrimento do século XIV e com o espírito que foi criativo em Canudos*. No século XIV, a que Agostinho se reporta, o cabalista Rabi Iossef ben-Shalom de Barcelona sustentava, que, *em toda transformação da realidade, em toda mudança da forma, ou toda vez que o status de uma coisa é alterado, o abismo do nada é cruzado e, por um fugaz momento místico, torna-se visível. Nada pode mudar sem entrar em contato com esta região do Ser absoluto puro que os místicos chamam de Nada*. E o meu amigo Fábio crê que aquilo que nos cabe nesta existência é a viagem de retorno a esta região do Ser Absoluto e, com a sua graça, voltarmos transformados, para nos ajudarmos a transformar, a melhorar a humanidade.

Nisso acreditaste, amigo Antônio. E, pelo teu exemplo, nos ajudas a acreditar.

.....

Antônio Conselheiro

Biografia:

São Paulo, Abril de 2013

Amigo Alessandro,

Mais de um século não foi tempo suficiente para dar corpo aos teus ideais, que eram os de Zola, de Louise Michel, os princípios de Francisco Ferrer. Crê, caro Alessandro, que, nesta segunda década do século XXI, o teu mestre catalão já não acabaria vilmente executado no morro de Montjuic, mas talvez os seus desígnios fossem frustrados por sutis modos de impedir que a humanização da escola aconteça.

A Escola Libertária Germinal, que fundaste em 1902, na cidade de São Paulo, pouco mais durou do que a de Tolstoi, que o czar das Rússias mandou fechar. O sonho de uma *escola elementar racionalista, para ambos os sexos* ingloriamente foi encerrada em 1904. Apesar de veres malgrado o teu intento, foste o precursor dos percussores da Escola Nova. Mas, hoje, apenas emprestas o teu nome a uma rua de São Paulo, cujos moradores nem sequer sabem quem foste, ou o que fizeste. Depois de um breve inquérito de rua, apenas um transeunte ensaiou resposta: *Alessandro? Isso é nome de jogador de futebol, não é?*

Na Germinal de 1902, os pais não apenas participavam com uma pequena mensalidade, como intervinham na arrecadação de fundos e, de algum modo, na gestão do projeto. Decorrido mais de um século, os teóricos continuam a produzir teses sobre a relação escola-família, mas as famílias continuam marginais à vida nas escolas e são frágeis as estruturas de participação.

Em Novembro de 1904, lançavas um derradeiro apelo nas páginas do jornal *O Amigo do Povo: A praticabilidade e a rapidez dos métodos aplicados nesta escola souberam despertar tantos interesses e tantas simpatias que, hoje, um bom núcleo sempre crescente de homens de boa vontade assegura-lhe o material escolar para distribuir, gratuitamente, todo ano, aos alunos. Pensai no futuro de vossos filhos! Ao que parece, a população do Bom Retiro não se preocupava com a educação dos seus filhos... Nem parece que se importe, quando, no século XXI, os submetem à nefasta influência de práticas sociais denunciadas ao longo de um século pródigo em práticas alternativas.*

Amigo Alessandro, existe um pacto de silêncio em torno de iniciativas como a do Círculo Educativo Libertário Germinal de São Paulo, da Universidade Popular de

Ensino Livre de São Paulo, da Escola Moderna de São Paulo, da Escola Moderna de Bauru, todas da primeira década do século XX. Quem ouviu falar da Escola Germinal do Ceará, da Escola Social de Campinas, da Escola Operária da Vila Isabel e da Escola Moderna de Petrópolis? As faculdades de educação não informam aos futuros professores de Porto Alegre que, em 1906, havia por lá uma escola com o nome de Elisée Reclus...

Eu sei que te custará compreender, mas, no Brasil de 2014, as escolas ostentam designações com referência a coronéis, genocidas, ditadores e torcionários. Uma professora deteve-se em frente à sua nova escola. O que a impedia de entrar? A blindagem do portão? A catraca? O carrancudo guarda? Não. Aquilo que a fez parar foi a leitura da placa, que indicava o nome da escola: o nome de quem havia torturado e ajudado a matar o seu pai, durante a ditadura. Querido Alessandro, ainda vivemos num país onde escolas celebram a morte da memória, onde pesa a herança neocolonialista e outros males sociais, perpetuados pela velha escola, reprodutora de desigualdades, analfabetismos, exclusão.

Tal como o país, a escola está imersa numa profunda crise ética e moral, ao serviço da reprodução de uma sociedade doente. Sei que será difícil acreditar, mas crê que eu li num muro de uma cidade brasileira este dístico: *Colégio D. – a seleção natural*. Não restam dúvidas que, cento e dez anos decorridos sobre a tua tentativa de humanizar a escola, nos mantemos na proto-história da escola. E da humanidade.

.....

Alessandro Cerchiari

Biografia:

Teresina, Agosto de 2013

Quem diria que um menino de oito anos poderia ser chefe, redator e tipógrafo de um jornal? A verdade é que esse empreendimento familiar viria a constituir-se em ensaio para uma carreira de pedagogo-escritor. Da passagem pela Revista do Brasil à organização da coleção pedagógica Biblioteca de Educação, das obras sobre a Escola Nova à publicação da Cartilha do Povo, o teu labor editorial foi intenso e influenciou a geração do manifesto escolanovista. Os movimentos de renovação pedagógica de novecentos são tributárias das iniciativas reformadoras, que operaste no Ceará. E a tua participação nas conferências nacionais de educação de 1927 e 1928 teve impacto na redação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932.

A tua vasta obra reflete preocupações, que mantêm atualidade, se relevarmos o seu caráter tecnicista e a situarmos na época em que a produziste. Os temas – alfabetização, universidade, avaliação, ou formação de professores – mantêm atualidade, sobretudo o teu apelo à prática de uma educação integral. No teu livro “Introdução ao estudo da Escola Nova”, afirmas: *o tirocínio escolar não pode ser mais a simples aquisição de fórmulas verbais e pequenas habilidades para serem demonstradas por ocasião dos exames. A escola deve preparar para a vida real, pela própria vida. A mera repetição convencional de palavras tende a desaparecer. Tudo quanto for aceite no programa escolar precisa ser capaz de influir sobre a existência social no sentido do aperfeiçoamento do homem. Ler, escrever e contar são simples meios.* Estou ciente de que a maioria dos professores brasileiros nunca te leram.

É admirável como, já em 1926, escrevias: *a escola tradicional não serve o povo, e não o serve porque está montada para uma concepção social já vencida.* Denunciavas a profunda separação existente entre a escola e a vida social. Talvez sem o soubesses, intuías a necessidade de desguetizar as escolas e as transformar em alfobres de comunidades. Antevias um novo ideal de educação, um aprender sem paredes, no convívio com os outros, um ainda mítico implodir da tradicional relação hierárquica entre mestre e discípulo, um aprender junto, na troca de experiências, de ideias e de sonhos, na perspectiva do desenvolvimento da autonomia do educando e dos educadores.

Caro Lourenço, um fato me inquieta, quando observo a ênfase que pões na aprendizagem, ainda que condicionada pela tendência escolanovista da centralização no aluno. Na literatura especializada, teses e na diversidade de estudos sobre comunidades de aprendizagem, publicados quase cem anos após a tua premonitória obra, abundam referências a aula, sala de aula, ensino... Esses estudos referir-se-ão a “comunidades de aprendizagem”, ou a “comunidades de ensinagem”?

Não deverá ser a escola um lugar com potencial educativo, entre outros lugares da comunidade onde se aprende? Um nodo de uma rede de comunicação e de produção de conhecimento, quer seja real, quer seja virtual, incluída num contexto cultural específico? O que impede que assim seja? O medo? Surpreende-me que haja professores dizendo ter medo de mudança. Medo de quê? De algo que não existe? Medo eu tenho daquilo que existe, medo de uma escola que produz analfabetismo, ignorância, exclusão, infelicidade. O medo desses professores é o desejo das comunidades.

Que prevaleça o desejo. De uma vez por todas, afirmemos que a aberração que dá pelo nome de escola deixou de ter utilidade social há mais de cem anos e é hoje um obstáculo ao desenvolvimento humano. Que é necessário conceber novas construções sociais, nas quais a educação aconteça. Afirmar serem necessárias, urgentes e possíveis, a sabedoria e a felicidade de todos os seres humanos.

E por aqui me quedo, possuído pelos mesmos dilemas da tua geração. Descansa na paz, que na terrena existência nos é negada.

.....

Lourenço Filho

Biografia:

Rio de Janeiro, Setembro de 2013

Querida Nise, dizia o Sartre que há dois tipos de pessoas que dizem a verdade: as crianças e os loucos. E que os loucos são internados em hospícios, enquanto as crianças são educadas. Ambos estão guetizados: os loucos em hospícios, as crianças nas escolas. A mesma sorte dos velhos relegados em lares da terceira idade. A salutar criatividade da infância é cerceada pela louca velha escola. Mas *a busca da verdade e da beleza são domínios em que nos é consentido ficar crianças toda a vida*, como nos dizia o sábio Einstein. E as pinturas dos considerados loucos, nos quais reconheceste genialidade, deram origem a um belo museu, são prova de que nem tudo está perdido. Há alguns dias atrás, estive no teu Engenho de Dentro, na boa companhia do Vítor e do Ney Matogrosso. O Hotel da Loucura vai provando ser possível, em imprevistos e improváveis lugares, retomar o rumo perdido da humanização, concretizar a utopia.

No discurso sobre educação, a palavra utopia é, geralmente, sinônima de impossibilidade. Porém, utópico será algo que indica uma direção, que requer intencionalidade e ação. Como diria Quintana, *“se as coisas são inatingíveis... ora! / Não é motivo para não querê-las”*. Concretizar utopias – recriar vínculos, rever e re-olhar, reelaborar as práticas – reconfigura a metáfora do Mito de Sísifo, o “inédito viável” freiriano. A nova educação, que emerge do sonho de todos nós, deverá formar o cidadão democrático e participativo, sensível e solidário, fraterno e amoroso, o ser humano dotado de educação integral.

Todas as teorias estão escritas. Todas as experimentações, reformas e modas já foram ensaiadas. Por isso, importa renovar a denúncia da guetização da juventude, a par com o anúncio da possibilidade de uma aprendizagem participativa e transformadora. Nunca será demasiada a afirmação da possibilidade de uma escola na qual os aprendizes aprendam a lidar com um conhecimento mutante, na busca da integração das diversas dimensões do humano *“para garantir condições de se atribuir novos sentidos à existência e atender a necessidade do engajamento do sujeito na construção do futuro”*.

O que se aprende dentro de um edifício escolar, que não possa ser aprendido fora dos seus muros? O espaço de aprender é todo o espaço, tanto o universo físico como o virtual, é a vizinhança fraterna.

Pois é, querida Nise, por todo o Brasil surgem o que poderei chamar protótipos de comunidades de aprendizagem, a partir da escola, embora elas possam ter outras origens. Refiro-me a práticas de eco-sustentabilidade, de estímulo ao espírito inventivo e criação de soluções novas, baseadas no princípio ético que nos diz que tudo o que for inovado o deva ser para benefício coletivo.

O modelo escolar não é o único modelo de educação e a educação deverá ser pensada mais a partir das comunidades que serve, do que a partir da instituição, de modo a que os processos de aprendizagem tenham um papel transformador nas sociedades. A escola é o equipamento social mais abundante, uma das maiores conquistas do povo, numa área de escassos quilômetros quadrados, encontraremos meia dúzia de escolas e apenas um hospital. Mas as comunidades de aprendizagem não dependem da existência de um prédio escolar (a “pedagogia predial”, como o Lauro ironizava) e sim da utilização de prédios e espaços da comunidade, nos quais, os estudantes possam, junto à comunidade, aprender e exercer cidadania, desfrutando de seus direitos ou realizando seus deveres, para o bem de toda a comunidade. Que a escola não seja somente interface com a realidade, mas espaço onde ocorrem atos contributivos do desfazer do abismo entre a realidade escolar e outras realidades.

Tampouco a aprendizagem depende apenas do professor, pois é necessária uma tribo inteira para educar uma criança. Ainda há quem pense que basta decorar matéria e vomitá-la numa prova, sem perceber que a maior parte dos conteúdos supostamente aprendidos (segundo pesquisas recentes) se esvai da memória, alguns meses após a prova. Aliás, uma prova quase nada prova. E na sigla IDEB (por seres pessoa sábia, não irias entender, se eu tentasse explicar o que seja...), que tanto preocupa professores, escolas e secretarias, e faz submeter os pobres alunos a simulados e intensos treinamentos, as letras ID não significam (como pretendem alguns) “índice de desenvolvimento”, mas “índice de decoreba”. Creio que esses loucos não diagnosticados não terão lido Paulo Freire na universidade. No seu curso de formação, talvez nenhum dos seus professores lhes tenham dito que ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo, e que os homens se educam em comunhão, mediados pelo mundo.

Urge rever os conceitos de espaço e tempo de aprendizagem, para que os “paidagogos” não mais conduzam as crianças da comunidade para a escola, mas as libertem da reclusão num gueto escolar e as devolvam à comunidade, na qual a escola constitui um nodo de uma rede de aprendizagem colaborativa. As escolas poderão constituir-se em espaços de cultura, lugares onde os saberes eruditos se casam com os saberes populares, onde a transformação acontece na partilha de conhecimento produzido. Crianças, jovens e adultos poderão utilizar essas escolas, sempre que desejarem, ou precisarem. Sem necessidade de entrar na escola no horário-padrão de aula, ou ter “falta” por chegar atrasado. Sem necessidade de perua e ônibus (como já nos avisava o Anísio, há décadas atrás), sem departamentos de “transporte escolar”, onde se esgotam recursos (em funcionários administrativos, motoristas, seguranças, manutenção, combustível, quando não se constitui em ninhos de corruptos e máfias...), se força a criança a acordar de madrugada e penar longas viagens, para ouvir algumas horas de aula, onde quase nada aprende e através das quais, começa a colaborar com a desertificação das comunidades, que deveria ajudar a desenvolver.

Isso expliquei, em pormenor, a muitos políticos e a gente que se diz professor. Disse-lhes que um novo modelo de educação não pode alicerçar-se no velho e que àquilo que é novo não devem ser aplicados raciocínios dedutivos. Nada adiantou, querida Nise. A loucura benévola daqueles que estão no Engenho de Dentro em nada se compara à loucura daqueles que, fora do hospício, insistem em manter um sistema falido, gerador de ignorância e infelicidade. Estes são os loucos de que nos falava Einstein. Vão delapidando o erário público em projetos, pactos, programas, capacitações, consultorias, assessorias e outras inutilidades. A última pesquisa dada a conhecer aponta como dado que o desperdício anual é de cerca de 56 bilhões de reais. É, ou não é uma loucura?

Quero crer, amiga Nise, que, depois de tempos sombrios, há de despontar a claridade que ponha fim à loucura. Que terá chegado o tempo de, à semelhança do Jung, o Brasil te encontrar.

.....

Nise da Silveira

Biografia:

Aracajú, Setembro de 2013

Caro Manuel, sem que o soubesses, talvez tenhas sido o primeiro aluno “especial”, num tempo em que a Conferência de Salamanca nem sequer era sonhada. Na tua prova para Lente da Universidade, ficaste aprovado na prova escrita, mas a tua gaguez impediu que fosses nomeado professor da Universidade. Na segunda tentativa, o auditório apercebeu-se do teu problema na fala e, mais uma vez, não obtiveste a cátedra por gagueira. Mas, se a universidade de então, tão medieval como a de agora, perdeu um professor por gaguez, o Brasil ganhou um fantástico educador.

Na pequena aldeia jesuíta, além da Serra do Mar, que viria a tornar-se a maior cidade da América do Sul, desenvolveste uma intensa campanha contra a antropofagia existente entre os nativos. Dizias nas tuas cartas: *andam todos em discórdia, comem-se uns aos outros*. Combateste a exploração da população local pelo homem branco. Bem mais difícil, suponho, seria a tua missão de combate à exploração, se a tivesses de empreender nos dias de hoje...

Foste autor do primeiro texto em prosa escrito no Brasil. O Padre Serafim Leite afirmou que o teu "*Diálogo sobre a conversão do gentio*" foi a principal obra em prosa do século XVI brasileiro. A ti devemos o início da história do povo brasileiro, a descrição dos costumes. E duras críticas fizeste dos costumes, quando te apercebias de que até mesmo muitos religiosos incorriam nos mesmos erros dos leigos colonizadores: *omnes commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum*. A maior parte dos homens tinha a consciência pesada, por possuir escravos, ao que dizias, *contra a razão*. Apelavas ao teu rei, para que mandasse inquisidores ou comissários, para libertar os escravos. Fica sabendo que a Inquisição não o fez, e semeou a morte em nome de Deus. Quanto ao rei, quando veio, não agiu contra a vil prática.

Os gentios que os jesuítas protegeram acabaram dizimados pelas armas do homem branco e pelas maleitas que por toda a parte espalhou: entre a sífilis e a varíola, milhões de vidas se perderam, muitas tribos foram exterminadas. Nos dias de hoje, nem seria preciso introduzir a gripe dentro da tribo dos Goitacazes, para que a sua cultura fosse extinta. Bastaria levar a energia elétrica, a televisão e a escola que ainda temos.

Mas basta de desgraças, amigo Manuel, passemos às boas notícias. Séculos após a tua partida, o Brasil foi incapaz de levar às últimas consequências as nobres intenções de dois manifestos, consentindo a perenização de uma tragédia educacional hoje traduzida em trinta milhões de analfabetos e numa profunda crise moral. Mas os educadores, não os eméritos, como tu, mas da tua têmpera, foram “de novo convocados”. E partilharam o lançamento do terceiro manifesto. Foi, como alguém disse, um “ato de amor”. E, confesso que, em muitos momentos da conferência, a emoção me traiu, me deixou mudo. Ainda sob o efeito da CONANE, evoco versos cantados pela Mercedes: *Cambia lo superficial / Cambia también lo profundo / Cambia el modo de pensar / Cambia todo en este mundo*. No decurso da Conferência, a diversidade dos projetos apresentados deu a entender que a velha escola parece estar a parir uma nova educação, embora acredite que as dores do parto venham a ser intensas, enquanto a tecnocracia e a burocracia continuarem a invadir domínios nos quais deveria prevalecer a pedagogia.

O exemplo das Missões, que os teus irmãos jesuítas edificaram, renasce sob a forma do que poderemos chamar “comunidades”. As “reduções” do sul, que a ambição dos homens destruiu, eram autossuficientes, dispunham de autonomia económica e cultural e funcionavam num regime comunitário. É por aí que vai a intenção de educadores, que adequam ao século XXI propostas de antanho. Embora a velha educação prevaleça, travestida de “nova”, no discurso de economistas, jornalistas e outras criaturas desprovidas de conhecimento pedagógico, crenes de que as escolas podem ser geridas como são geridas as padarias. Vemo-los em eventos, onde vendem caro as besteiras que proferem, e na média, que os classifica de “especialistas”. A ignorância pontifica numa revista brasileira de grande tiragem, onde *sapateiros sobem acima das chinelas* e, ao serviço de ocultos interesses, insultam a memória de Freire, criticam uma progressão continuada, que nunca existiu, e apelam ao regresso a um passado de onde a educação brasileira nunca saiu. Talvez o tempo desses “especialistas” esteja a chegar ao fim, porque já o Fernando nos dizia que o *sonho é ver as formas invisíveis / da distância imprecisa, e, com sensíveis / movimentos da esperança e da vontade, / buscar na linha fria do horizonte...*

Poderás chamar-me utópico, que não me ofendo. Já há projetos em curso, que importa dar a conhecer e que provam a vitalidade da componente saudável de

um sistema doente. Que mostram caminhos e apresentam reivindicações: a dignidade de um estatuto de autonomia estipulado no artigo 15 da LDBEN; a prática de uma educação integral; uma universidade que se distancie de práticas de formação incompatíveis com necessidades educacionais do século XXI; o reconhecimento público dos profissionais da educação, traduzido também em salários dignos, à altura de sua importância social; o fim do desperdício decorrente de más políticas públicas; a substituição da reprovação e da aprovação automática pela prática de uma avaliação capaz de permitir que o aprendizado caminhe junto com o desenvolvimento do pensar, a formação do caráter e o exercício da cidadania, entre outras.

Caro Manuel, *lo que cambió ayer tendrá que cambiar mañana*. O Brasil dispõe de produção científica e de práticas que provam a possibilidade de uma escola que a todos acolha e a todos dê condições de realização pessoal e social, base da construção de uma sociedade solidária, justa e sustentável. E, num país onde o tempo da educação talvez tenha chegado, temos tudo aquilo que é preciso: gente, projetos, esperança.

.....

Manuel da Nóbrega

Biografia:

Palmas, Outubro de 2013

Foi deveras difícil encontrar a tua obra nas bibliotecas das faculdades de educação. Depois de a estudarmos, não se pode negar a importância da tua obra, mas nem em sebos ela aparece... Estás esquecido. Pouco se sabe sobre trabalho realizado na “Escola Normal da Praça e é difícil encontrar um livro teu nas melhores bibliotecas de São Paulo. Apenas encontrei três. Mas a sua leitura foi suficiente para poder concluir que estiveste muito à frente do teu tempo. Aprecio a tua coragem. Quando viste suprimidas liberdades e garantias individuais recusaste ler nas tuas aulas o texto da Carta de 1937 e participaste nas manifestações contra o regime. Foste sumariamente demitido e exilado.

No começo da República a educação era um apêndice do Ministério dos Correios e Telégrafos e tu não hesitavas na crítica de tal situação: *Os propagandistas da república se contentaram com bem pouco. Montaram uma esplêndida e faustosa máquina, mas esqueceram de cuidar do motor inicial, de onde lhe poderia vir a energia de vida. Hoje, temos uma fachada decorativa da democracia – o “hoje” a que aludias era o de muitos anos atrás? – O Brasil, repleto de riquezas latentes, só será realmente uma nação poderosa e triunfante, se os seus governos primarem no propósito, decisivo e obstinado, de alfabetizar o seu povo, acabrunhado e murcho, numa indiferença que apavora. O monstro canceroso, que hoje desviriliza o Brasil, é a ignorância crassa do povo, o analfabetismo que reina do norte ao sul do país. É surpreendente a tua lucidez. Os teus escritos sobre analfabetismo datam de 1918! E a tua visão de futuro viria a culminar na criação das "escolas de alfabetização". Tinhas perfeita consciência de que *governo democrático e ignorância do povo são duas coisas que se chocam, se repulsam, se destroem*. Pretendias erradicar o que consideravas o mais grave problema educacional do país e que continua sendo: o analfabetismo. Sabias que o método é mais do que uma questão de organização do ensino, sendo a expressão de mudanças culturais profundas. E criticavas a alfabetização que começava pelas letras, depois pelas sílabas, em seguida pelas palavras, porque comete o *crime de alhear a criança, desde cedo, das realidades que a encanta.*” Fica sabendo, caro Sampaio: a escola, que ainda temos, alfabetiza turmas, ensinando a todos do mesmo modo, como se de um só ser humano se tratasse, recorrendo, predominantemente, à metodologia por ti criticada, produzindo trinta*

milhões de analfabetos. No teu livro *O que o cidadão deve saber*, publicado em 1919, realçavas as qualidades e a visão de outros brasileiros, como Rui Barbosa, para sublinhar a necessidade de educar no exercício de uma cidadania responsável. Tão longe ainda estamos desse desiderato! Influenciado pela Escola Nova, procuravas o equilíbrio na relação pedagógica, para que, sem considerar o aluno como ser passivo, centrar a aprendizagem na relação, em diferentes contextos. Para o conseguir, tentaste fundar uma faculdade de educação, para uma diferente formação de professores, mas o projeto não saiu do papel. Mais uma oportunidade perdida. E foram muitas aquelas que o Brasil perdeu, ao longo do século em que viveste. A educação parou no tempo. De tal modo que, na atualidade, já é preciso ir mais além. Urge rever os conceitos de espaço e tempo de aprendizagem.

*Não há nada mais a fazer, além de educar civicamente o povo para o futuro*, disseste. É isso que muitos educadores já vão fazendo. Não para, ao modo assistencialista, mas aprendendo com... *Quando alguém aprende a dançar, não adianta nada o mestre dançar por ele*", como também escreveste no teu livro "Educação.

As questões, que animavam os debates sobre a educação nas primeiras décadas de 1900, são as mesmas de hoje. O projeto de sociedade, que defendias, é o mesmo a que os educadores conscientes de hoje aspiram. Fazem-no à revelia da política comum, em comunidades aprendentes, muitas delas produzindo consensos na internet (na próxima carta, te falarei desta e de outras novidades) através de um Manifesto, que envio anexo a esta missiva.

É bem difícil mudar um paradigma enraizado nas profundezas do inconsciente, não sujeito a questionamento. Mas um povo que dispõe de educadores criativos já funde novas tecnologias com tecnologias sociais, produz comunidades físicas e digitais, consciente de que, para novos tempos, deverão ser concebidas novas construções sociais, nas quais não restem quaisquer vestígios de ranço da velha escola.

.....

Sampaio Dória

Biografia:

Boavista, Outubro de 2013

Caro Anísio,

Tenho notícias frescas para te dar. Na tua querida Universidade de Brasília, um professor fez um depoimento, que reforça a suspeita de que foste assassinado pelo regime militar. Contigo poderia confirmar essa hipótese, se dotes mediúnicos eu possuísse, mas deverei contentar-me com depoimentos dos vivos. E nem será a morte o que suscita esta epístola, mas a intenção de que não te matem duas vezes, matando a memória que ainda resta de ti. Mistério e silêncio encobriram as circunstâncias da tua morte. Ao que consta, foste encontrado em posição fetal, entre as molas do fosso de um elevador. Estávamos em 1971. E questionar esses tenebrosos tempos ainda é tabu. Ao que parece, sepultaram-te sem que as conclusões de qualquer inquérito fossem dadas à luz. E a luz que lançaste sobre a Educação do Brasil quase se extinguiu contigo.

Assumindo as contradições da época em que viveste, defendias a aplicação do conhecimento científico na educação, mas consideravas ser a educação uma arte, algo mais complexo do que uma ciência, crente de que a educação poderia atingir o nível das belas-artes. Criticavas a *aplicação precipitada ao processo educativo de experiências científicas que poderiam ter sido psicológicas, ou sociológicas, mas não eram educacionais, nem haviam sido devidamente transformadas ou elaboradas para a aplicação educacional*. E nem imaginarias como o Brasil viria a sofrer com a invasão de modismos e o transplante de produtos de ciência de laboratório no chão da escola, mantendo-se intocável o essencial do velho modelo de escola: *o tratamento do aluno como algo abstrato a ser manipulado por critérios de classificação em grupos supostamente homogêneos, dando ao professor a falsa esperança de poder ensinar por meio de receitas, muitas das quais de científicas só tinham a etiqueta*.

Como seria útil aos educadores do nosso tempo a leitura das tuas obras! Mas estão demasiado ocupados na luta pela sobrevivência, não lhes sobra tempo para o estudo. Se em projetos estivessem envolvidos, poderiam adquirir consciência de quase nada mudou desde a década de quarenta para cá, quando dizias ser aquele o “momento brasileiro”, *o real divisor de águas entre as duas*

*mentalidades que se defrontam no Brasil (...) de um lado, os que, explícita ou implicitamente, não acreditam no Brasil, e de outro, os que acham que a nação se pode redimir pela educação. A tua lucidez te avisava que não poderíamos continuar estrangulados numa camisa de força legal, graças à qual alterar a posição de uma disciplina no currículo ou diminuir-lhe ou aumentar-lhe uma aula seja considerada uma "reforma de ensino". Mas continuamos...*

Pugnava por uma nova escola, que substituísse aquela que *preparava escolásticos, alheia à vida quotidiana e indiferente às necessidades comuns dos homens, em formas arcaicas de ensino pela "exposição oral" e "reprodução verbal"*. Uma nova escola, irmanada com outras instituições de transmissão da cultura, *em uma comunidade altamente complexa e de meios de vida crescentemente especializados*. Mas a escola-classe, que tentaste instalar em Brasília, foi rechaçada em abaixo-assinado pela população de um bairro de classe média-alta, onde a quiseste implantar.

Visionário, repetias que se deveria considerar o aprendente em sua totalidade, sua história, sua cultura e num contexto social específico, numa situação concreta. Que a escola absorvera funções tradicionais da família e da vida comunitária e que à vida comunitária deveria ser devolvida, dado que *a educação de um povo somente em parte se faz pelas suas escolas*. Se transferirmos o teu discurso para a atualidade, poderíamos dizer que estarias a falar da necessidade de criação de comunidades de aprendizagem. Profético serás, pois novas construções sociais surgem num horizonte de esperança. Permite que te peça opinião sobre algumas reflexões, que venho fazendo.

A aprendizagem pressupõe ganhos de consciência cívica, assunção efetiva de cidadania. Aprendizagem é característica de uma célula social pré-existente: física, virtual, eclesial, rural, urbana... Unida por valores: solidariedade, autonomia, dignidade, responsabilidade... Uma comunidade movida por sonhos. A comunidade de aprendizagem talvez possa constituir-se numa nova construção social, que substitua a construção social resultante de necessidades sociais do século XIX. Uma comunidade que aprende e produz desenvolvimento humano sustentável.

A proximidade geográfica não é determinante, mas um conglomerado humano, um amontoado de pessoas sem vínculos não se constitui em comunidade. Um condomínio dificilmente poderá ser uma comunidade. Escolas tradicionais não

são comunidades. Uma favela, ou uma aldeia indígena, poderão ser comunidades. Uma escola de samba é uma comunidade. O *facebook* será comunidade? Uma quadrilha, ou uma máfia de políticos corruptos, poderão ser comunidades (no mau sentido do termo). Canudos foi uma comunidade. Por isso, políticos, oligarcas e militares genocidas a destruíram.

Por falar em aprendizagem... Haverá necessidade de uma “gramática” da criação de comunidades de aprendizagem? O currículo poderá ser de comunidade? Ou um currículo brasileiro? O Brasil poderá ser uma quase-comunidade? Haverá um número crítico, a partir do qual pode deixar de haver reconhecimento do outro, de todos os outros?

As comunidades poderão constituir-se a partir da iniciativa de profissionais atentos à necessidade de um novo modelo de desenvolvimento. Mas não deverão constituir-se em ilhas, ou assumir marginalidade, oferecendo contributos para novas políticas públicas. A sua fundação poderá ser apoiada por técnicos (pedagogos, sociólogos, psicólogos, tecnólogos sociais...) segundo uma metodologia específica, sem resquícios de paternalismo, ou assistencialismo, assumindo novos conceitos de sociedade e de pessoa.

Poderá partir da iniciativa de escolas, mas desenvolver-se-á numa geografia da pessoa e contemplará grupos etários para além daqueles que constituem a população de uma escola, em novas formações paradigmáticas, com atenção à tendência de reprodução social e cultural. Poderá viabilizar-se pelo exemplo dado pelas crianças das escolas...

Fico a aguardar resposta.

.....

Anísio Teixeira

Biografia:

Cuiabá, Novembro de 2013

O teu jornal, caro Júlio, foi tribuna de oposição ao regime dos generais. E o editorial, que recusaste retirar do prelo, suscitou a ira da polícia. Sucedeu o fecho do jornal. E um misto de desilusão e de desgosto com a censura imposta apressou a tua morte. Muito nobres foram as tuas tentativas de democratizar os costumes políticos de um Brasil oligárquico e de combater as práticas de velhos partidos. Tão quixotesca e vã foi essa tentativa! E grande foi a decepção face ao descumprimento das promessas feitas pelo Getúlio. Acabaste preso e exilado, na senda de todos aqueles que ousaram defrontar podres poderes.

Buscaste uma escola, espaço público aberto, vinculado à cultura, à vida. Uma escola que fosse espaço de convivência, onde os jovens aprendessem a reinvenção da fraternidade. Uma escola que ajudasse os jovens a ver a sua comunidade como coisa sua, se sentissem pertença, adquirissem identidade local, pois, como diria o Nietzsche, a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. Uma educação, que fosse pré-condição de desenvolvimento, de justiça social, de distribuição de renda, da reconstrução de um país. Educar é um processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma. Sempre num espaço de convivência, em todo o tempo e de maneira recíproca, como diria o Maturana.

Alguns anos após a tua morte, um senhor chamado Bordieu escreveu que a escola produz e reproduz desigualdades e oculta os seus critérios sob o discurso do mérito individual. Mas muitos educadores, que em ti encontram inspiração, creem que a escola poderá inverter o fatalismo da reprodução. E o Edgar Morin diz-nos que *tudo o que vive deve regenerar-se incessantemente: o sol, o ser vivo, a biosfera, a sociedade, a cultura, o amor*.

E não será apenas necessária uma reflexão sobre a escola, mas sobre a vida. Seres incompletos que somos, estaremos, inevitável e permanentemente, em projeto. Se o professor não se regenera, se não se interroga, se não encontra motivo para um projeto de transformação pessoal, se não pesquisa, o aluno não aprenderá a construir projetos mediados pelo professor, não aprenderá a planejar-se, não aprenderá a elaborar roteiros de pesquisa, não saberá pesquisar. Manter-se-á cativo da inútil decoreba de conteúdo para colocar em prova, obter uma nota e esquecer.

De nada vale acreditar que se sabe algo, se o saber não for partilhado, se não houver atribuição de sentido pelo outro. E uma escola não é um prédio, é relação humana. Se não existir diálogo, vínculo amoroso entre aprendizes, a aprendizagem dificilmente acontece.

Em muitas escolas do Brasil, professores e alunos estão reféns de um trabalho alienado. Muitos professores são analfabetos comunitários. Poderão passar pela favela, para chegar à escola, mas não percebem que a favela está dentro da escola. Não conhecem os sonhos e necessidades da comunidade, que deveriam servir. Dela se defendem instalando câmeras de vigilância sobre muros encimados por arame farpado e cercas elétricas. Catracas e guardas armados impedem a entrada das famílias dos alunos. Nessas escolas, não é produzido conhecimento útil à comunidade. Não se percebe que a escola deverá ser agente de transformação pessoal, social, assumir compromisso ambiental, desenvolver o senso ético e a autonomia da comunidade. Essa escola ensimesmada ajuda a reproduzir uma sociedade desigual, injusta. Porque ignora que o futuro da educação também depende de uma escola, que seja teia de relações entre pessoas, onde são valorizados diferentes saberes.

A tragédia educacional brasileira decorre de uma política pública desastrosa. Do Oiapoque ao Chuí, secretarias de educação delapidam recursos no lançamento de programas, reformas e quejandos, belos nacos de prosa legitimados por teóricos, cujas práticas são a negação das teorias a que recorrem. São os mesmos teóricos consultores que papagueiam essas teorias em “capacitações” que não capacitam, que não logram modificar o modo de trabalho pedagógico, nem acrescentar mais uns pontos ao mítico IDEB, que vegeta entre os níveis cinco e seis.

Mas haja esperança, meu amigo! Vemos surgir projetos concebidos por educadores, que não se consideram funcionários de uma prefeitura e assumem ser co-criadores de comunidades. E que não querem ser “tias”, para que a função de guardar crianças não provoque a dissolução de relações familiares e sociais. Acabo de receber notícias de um projeto, que venho acompanhando. No e-mail (e-mail é uma espécie de carta abreviada, que não carece de envelope e selo), os educadores contam que estiveram na favela, reunidos com representantes da comunidade. O encontro foi coordenado por um morador, pai de aluno. Escutaram elogios e críticas dos pais dos alunos. Alguns ainda dizem

querer que os seus filhos usem uniforme e rejeitam a ideia de o material de estudo ser coletivo. O ranço da velha escola penetrou bem fundo na cultura do lugar. Vai demorar a desaparecer... na casa de um jovem aluno, os educadores encontraram uma avó, fabricando sabão com restos de óleo. E outras tecnologias sociais vêm sendo inventariadas, resultando na criação de emprego, em geração de renda, sustentabilidade. Também vêm sendo identificados lugares com potencial educativo: quadras, igrejas, padarias, praças, casas, centros culturais, uma *lan house* (é um lugar onde podemos saber o que se passa na China em menos de um segundo), bibliotecas comunitárias. O mapeamento vai fundo, atinge uma segunda camada, com recurso ao *google maps* (é um mapa, mas não é de papel). Uma mãe de aluno fabrica roupa de alta costura, que vende barato a um intermediário. Essa roupa é vendida, depois, por alto preço, em shoppings de luxo (shopping é outro estrangeirismo, que perdoarás que use, e cuja descrição também em outra carta farei, porque muita coisa mudou desde que partiste). Com os educadores, os moradores da comunidade estão a preparar-se para criar moeda social, praticar comércio justo, praticar uma economia solidária.

Caro Júlio, esta carta já vai longa, permite que conclua com outras boas notícias. Com a ajuda de um grupo de arquitetos, educadores e moradores da comunidade já compreenderam que as ruas da favela não foram feitas para passarem carros, mas para o convívio entre pessoas, que a rua é espaço de aprendizagem. E que, se mais alguma facção do tráfico determinar um recolher obrigatório, todos irão para a rua, por ser a rua um espaço de exercício de cidadania.

.....

Júlio de Mesquita Filho

Biografia:

Goiânia, Novembro de 2013

Prezada Helena, sobre ti escreveu o Drummond: *rusa mais mineira não há, na assimilação plena de valores e características da gente mineira, em harmonia com o fundo eslavo que se abre para o sentimento do mundo sem distinguir limitações convencionais, e quer abarcar no mesmo amor todos os seres carentes de proteção e compreensão.* Belo e perfeito retrato de quem soube exercer o seu múnus profissional com razão e sensibilidade. Toda a tua vida foi dedicada ao aprofundamento dos saberes da psicologia, que soubeste harmonizar com os saberes da cultura popular, numa vida comprometida com a convivência democrática.

Más notícias eu tenho para te dar. O país do futuro submete-se a uma modernização tardia, numa sociedade da informação caracterizada pela solidão e pelo individualismo. As escolas enfeitam-se de novas tecnologias, sem que seja afetado o modelo de ensino obsoleto, que denodadamente, combatestes. As propostas pedagógicas elaboradas no decurso do século XX jamais foram vertidas em práticas efetivas. E as escolas das cidades mineiras onde viveste ignoram os teus contributos, a democracia é mera retórica. Pouca serventia teve a tua preocupação com a exclusão social e a tua crença nas virtudes da psicologia na democratização da sociedade brasileira.

Não penses que sou pessimista, que eu tento sempre ver o “copo meio cheio”. Por isso, te digo que, tendo eu vivido três anos em terras de Minas Gerais, esse tempo foi suficiente para, no chão de escolas, encontrar educadores partilhando os teus ideais. Dirão que são poucos, mas eu direi que são os imprescindíveis, pois buscam contemplar o direito de todos à educação, como propunhas que se fizesse, no espírito da escolanovista e teu mestre Claparède: *a escola sob medida.*

A tua confiança na contribuição da ciência para a educação de crianças consideradas especiais esteve na origem da fundação da Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte, obra de uma comunidade de médicos, educadores e religiosos. Isso mesmo, cara Helena, de uma comunidade se tratava, unida pelo sonho de a inclusão não ser miragem e que passou do sonho à concretização.

Surpreende a maturidade desse projeto, a consciência de que a educação é ato político e que a inclusão é exercício de direitos humanos!

Na comunidade científica, que ajudaste a criar na década de 1930, acontecia inovação, enquanto, nos dias de hoje, certas propostas de comunidade de aprendizagem incorrem na cedência a práticas tradicionais. Estabelecem, por exemplo, que todos os alunos *consigam realizar a atividade e compreender os conteúdos trabalhados em um tempo determinado*. Porquê um tempo determinado igual para todos? Porquê quatro ou cinco atividades impostas pelo professor a toda a turma? Porquê turma, padrão único de tempo, conteúdo? Estaremos a falar de aprendizagem, ou de ensinagem?

Como te dizia no início desta missiva, propostas pedagógicas elaboradas no decurso do século XX continuam no limbo das teses e legitimam práticas incoerentes. Os jovens educados nas velhas práticas, ainda que cognominadas de novos rótulos, atormentam os nossos ouvidos com elevados decibéis de sertanojo, vegetam entre o bar e a boca de fumo, entre o funk carioca e outras imbecilidades. É-lhes alheia a catástrofe anunciada pelo aumento de quatro graus na temperatura da Terra... Como vês, não é somente a velha escola que continua em crise, querida Helena, é a vida que está por um fio.

.....

Helena Antipoff

Biografia:

Teresina, Dezembro de 2013

Quantos brasileiros saberão, amigo Rui, que te empenhaste num projeto de modernização do país e propuseste um sistema nacional de educação, desde o jardim da infância até a universidade? Quem saberá que, há mais de um século, defendeste uma reestruturação completa do ensino, desde os métodos até a construção de prédios? Presumo serem raros os brasileiros conhecedores da tua obra. Saberão, talvez que foste coautor da constituição da Primeira República, juntamente com Prudente de Moraes. Mas as referências maiores do povo brasileiro, os heróis cultuados não são os construtores de comunidade, mas genocidas, que fizeram guerra, para destruir comunidades. Tu assististe à destruição de Canudos... De então para cá, o que mudou?

A revista *O Ocidente*, tua contemporânea, nas suas edições de Maio e de Junho de 1887, rezava assim: *O aluno refratário, cheio de maldade, não obedece à palavra e tem a certeza da impunidade. O professor esfalfa-se para restabelecer a ordem e não o consegue porque a onda de insubordinação cresce. As escolas são moinhos no ruído da indisciplina, que vai lavrando a olhos vistos; moinhos porque os mestres saem moídos da escola, onde, em vez de ensinarem o que sabem, gastam o tempo gritando contra os díscolos que não atendem às explicações.* E, entre a metáfora do moinho e a da separação das águas se passava à óbvia conclusão: *"Os mestres quase nada ensinam à falta de disciplina que não há. Daqui nasce a imoralidade das novas gerações.*

Como vê, caro Rui, pouco, ou nada mudou em mais de um século. A indisciplina é naturalizada, jovens são expulsos das escolas, sem que se perceba que os maiores responsáveis de múltiplas violências não estão entre os pobres da favela, mas entre os poderosos deste país. Vê em que círculo vicioso se envolveu a nação, quando concebe a escola como formalidade social, quando não acredita que as escolas podem ser incubadoras de uma nova ordem social. As escolas erguem e reforçam muros, defendem-se da comunidade. Promove-se o reforço policial, são construídas prisões, escolas são entregues à guarda da polícia militar. Mas, há milénios, Pitágoras dizia-nos que, educando as crianças, não será preciso castigar os homens. Eu acrescentaria: nem despende somas avultadas para beneficiar de uma precária segurança. Porque, repara, caro Rui: um brasileiro preso fica quatro vezes mais caro do que um aluno de escola

pública. E ainda há quem proponha diminuição da idade dos potenciais prisioneiros, talvez no pressuposto de que já nascem criminosos.

Recomendaria a quem decide que escute o Brecht: *Diz-se das águas de um rio que são violentas, mas nada se diz das margens que as comprimem.* O criminoso é construção social. Não aprovo a violência, mas sei que ninguém nasce criminoso. Muitos se transformam em “marginais” quando lhe são negadas oportunidades numa sociedade desigual e injusta, ou quando tomam consciência de terem sido roubados desde o momento em que se nasceram.

Se bem que a obsessão uniformizadora e seletiva da escola venha sendo questionada por muitos “especialistas” da educação, a maioria não faz ideia alguma de como contribuir para a saída do caos. Pesquisadores instalados em torres de marfim induzem os políticos a acrescentar camadas de tinta nova em velhos palimpsestos. Não entendem que os projetos emergem de sonhos, desejos, necessidades e que deverão ser as comunidades as protagonistas de projetos de desenvolvimento humano sustentável?

As associações de moradores (e as associações de pais), os líderes locais, os representantes do poder público residentes nessas comunidades serão considerados, não como objetos de intervenção, ou apenas convidados a ir à escola, mas como sujeitos, autores de mudança. Acontecerá efetiva aprendizagem ao longo da vida e transformação social, traduzida na melhoria das condições da qualidade de vida dos membros da comunidade, quando a comunidade participar, quer da elaboração dos projetos, quer dos planejamentos e da execução das ações a desenvolver, contribuindo para a reformulação das medidas de política educativa, para uma política pública séria. Se a escola faz parte da comunidade, fará sentido haver um espaço e tempo escolar e um espaço e tempo comunitário?

Nos últimos tempos, alguns universitários encontraram um novo objeto de estudo. Teses e outros estudos publicados por anglo-saxônicos e catalães despertaram o seu interesse. E já não faltam teses e artigos em torno do conceito de comunidade de aprendizagem. Sem pretender retirar o mérito aos doutores, que tais escritos produzem, confesso a minha perplexidade perante a acadêmica manifestação da síndrome do vira-lata. Recomendaria que refletissem sobre o que nos diz Florestan: *Em nossa época, o cientista precisa tomar consciência da utilidade social e do destino prático reservado a suas descobertas.*

Vivemos um tempo marcado por uma modernização de racionalidade técnica, burocrática, industrial, numa sociedade da informação caracterizada pela solidão e o individualismo. Por essa razão, nas comunidades de aprendizagem, criadas a partir da escola, ou com outras origens, privilegiar-se-á a relação entre pessoas sobre as relações entre instituições, bem como as redes físicas sobre as virtuais. O modelo escolar não é o único modelo de educação e a educação deverá ser pensada mais a partir das comunidades que serve, do que a partir da instituição, de modo a que os processos de aprendizagem tenham um papel transformador nas sociedades. Será necessário: reconceitualizar as práticas escolares, erradicar a segmentação cartesiana, e o modelo hierárquico de relação, propiciando uma relação comunicativa; promover a participação de quem, atualmente, é considerado “fora da idade de escolarização”; formalizar termos de autonomia. Tudo menos considerar que uma comunidade possa ser uma escola. Porque a escola de sala de aula inibe a relação comunicativa, impede a convivência com pessoas fora do ambiente familiar. E, como diria Illich, *as estruturas relacionais que precisamos são as que capacitam todo homem a definir-se a si mesmo pela aprendizagem e pela contribuição à aprendizagem dos outros*. A aprendizagem é atividade social, requer o desenvolvimento de uma comunidade.

.....

Rui Barbosa

Biografia:

Rio Branco, Dezembro de 2013

Querido Heitor, a tua data de nascimento é celebrada como o Dia Nacional da Música Clássica, por teres criado uma linguagem musical brasileira, em obras que contemplam culturas regionais. Mas quero crer que, nessa data, se deveria celebrar o nascimento de um educador, entre outros insignes educadores, que fazem parte de uma linhagem, que já vem do tempo em que os teus companheiros Alessandro e Eurípedes andavam sobre a Terra.

Poderá ser considerado leviano que eu assim te considere, pelo que direi, à *Monsieur de La Palisse*, que educador é aquele que educa. É aquele (ou aquela) que exerce uma práxis coerente e, enquanto fundamenta a prática com o quanto baste de teoria, contribui para a melhoria da educação. Ainda hoje, os educadores não recebem o devido reconhecimento pelo conhecimento que produzem, pois este conhecimento não é “publicado”, nem “divulgado” nos meios acadêmicos. São os chamados teóricos que recebem os louros devidos ao afã dos chamados práticos. São estes que, tal como tu, colocam em ação estratégias e processos, porém, nos congressos e reuniões afins, professores aclamam e prestigiam falastrões (bem recompensados...), que lhes ensinam como deverão agir em sala de aula. Amigo Heitor, podes crer que, se esses falastrões fossem colocados em sala de aula, não saberiam realizar aquilo que dizem que os professores deverão fazer... E por aí vai a educação deste país, entre a perfeição dos discursos e as misérias das práticas.

Não te considero educador por teres juntado centenas de pessoas num estádio, num pedagógico espetáculo musical, mas por teres exercido praxeologia. Toda a tua vida foi exemplo disso. E, exatamente por isso, foste alvo de críticas e detrações – por gerares as fundações de uma comunidade musical brasileira, por teres cometido o crime de acrescentar.

Acrescentaste o *Canto Orfeônico*, que integrava um projeto educacional mais vasto, a que juntaste um “Guia Prático, reunião de canções de várias influências musicais, para ser trabalhado nas escolas. Traduziste os sons do Brasil, implantaste o canto orfeônico nas escolas públicas, promovendo o encontro de vozes e culturas, divulgando o rico folclore do Brasil, do coco à ciranda e ao repente, cultivando manifestações populares, como o chorinho, porque sabias que a arte e a educação são as bases da construção de uma sociedade.

O Turíbio, que a ti já se juntou, interpretava a tua obra de modo magistral. Nela se pode escutar o cantar dos pássaros e perceber a diversidade de influências e culturas.

A ti se deve a fundação da Academia Brasileira de Música, pois acreditavas que a música é um direito do povo e que *uma nação alfabetizada pode ter incorporada a sua personalidade princípios éticos a partir de um senso estético*. Gratos ficamos, grande Heitor, por queres construir comunidade através da música.

Perdoa que acrescente algumas considerações mais ou menos didáticas. Esta é uma carta aberta e acredito que professores a possam ler. Aproveito o ensejo para dizer aquilo que já sabes, mas que, porventura, outros precisem saber.

Diz-nos o dicionário que comunidade é estado do que é comum, paridade, comunhão. Sociologicamente, é um agregado de pessoas, que se caracteriza por acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que o constituem. Etimologicamente, tem origem no latim *communitas*, qualidade daquilo que é comum. Uma comunidade é um grupo de seres humanos que partilham algo comum: idioma, costumes, localização geográfica, visão de mundo, valores... Poderá ser um grupo de pessoas, que residam em uma área geográfica determinada, que compartilhem uma cultura comum, ou modo de vida, conscientes do fato de que compartilham certa unidade e que podem atuar em busca de um objetivo comum. A sua coesão poderá ser reforçada, se assentar em laços familiares, compartilhar antecedentes, ou participar de uma mesma tradição histórica.

Então, caro Heitor, poderemos concluir que escolas não são comunidades, são instituições, tal como o hospital e a igreja. A modernidade confirmou-nos numa ética individualista. Na gênese da escola da modernidade, o individualismo prevaleceu sobre o gregarismo, pelo que profissão de professor se caracteriza pela solidão. Nas escolas herdeiras da revolução industrial, quase não existe uma história compartilhada, ou objetivos comuns. As práticas efetivas são contraditórias com o teor dos projetos político-pedagógicos. A escola tradicional não contempla o aprendizado do mundo e da vida, retira as crianças do mundo, da realidade, confina-as num prédio, em sala fechada, por vezes com grades. A escola ensimesmada, que ainda temos, é uma forma moderna de socialização do saber, monológica, monocultural, sem incorporação de diálogo com os

saberes circulantes. Mas poderá constituir-se em comunidade, bem como em *locus* de criação de comunidades, se a identidade difusa, que as caracteriza, der lugar a interações com significado e se vier a contribuir para um desenvolvimento humano sustentável.

As escolas poderão transformar-se em nodos de redes sociais e virtuais, porque aquilo que faz das pessoas uma comunidade são os valores, as necessidades e os sonhos, que elas partilham. Essa transformação, ou reconfiguração das práticas, pressupõe a substituição do frontal passivo, centrado no professor, por um relacional ativo centrado na rede; de um frontal ativo centrado no computador pelo desenvolvimento de um currículo subjetivo harmonizado com um currículo de comunidade. O currículo é construção social. E, através da participação na construção do currículo, a pessoa exercita a participação na sociedade. Enquanto reconstrução pessoal e social, o currículo está permanentemente imerso num ambiente de representações e símbolos, e é constituído pelas dimensões técnica, estética, ética e política. É reconstruído na interação dialógica entre contextos escolares, a vida, o conhecimento e a cultura. Implica subjetividade, não se realiza na transferência e assimilação passiva de conteúdo, no contexto de uma sala de aula. Aprender em comunidade significa passar de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora do currículo, centrada em projetos, no aprender com o outro e na compreensão e transformação social. Cada comunidade desenha e vive seu currículo de forma singular e significativa.

Buber diz-nos que a tradição e as normas comunitárias não poderão ser o elo formador de uma comunidade. Que existe uma constante renovação entre o real e a representação do real, que faz com que o elo fundante de uma comunidade esteja para além do campo dos dogmas e regras. Buber fala-nos de uma *lei intrínseca da vida*, de um processo criativo, em permanente fase instituinte, que respeita as tensões entre subjetividades. A escola com projeto poderá ser espaço e tempo de construção de comunidades. Um projeto humano é coletivo e está em permanente fase instituinte. A escola poderá ser um lugar, entre outros, de comunidades de aprendizagem, agir como um dos nodos de uma rede, possibilitando a partilha de conhecimento real ou virtual, redesenhando mapas e trajetos da aprendizagem.

Perdoa este longo arrazoado. Não quero perturbar o teu eterno descanso com as minhas reflexões. Somente aproveitei a carona para desassossegar espíritos.



Villa-Lobos

Biografia:

Recife, Janeiro de 2014

O que poderei dizer de ti, querido Paulo, se já tudo foi dito? Talvez apenas dar-te boas notícias. Mão amiga deu-me a conhecer um artigo, que faz jus ao teu “*tu já lê*”. Porque acredito que também gostarias de o ler, dele transcrevo alguns excertos.

Diz-nos a sua autora, uma educadora do sul do Brasil: *Escrevi esta carta. Sei que ela enfrenta uma dificuldade de base para chegar aos seus destinatários – é que muitos deles não sabem ler. O grande entrave para a melhoria da qualidade educacional brasileira é o fato de que nossa população está satisfeita com nossa escola. Os pais estão satisfeitos porque não vislumbram possibilidades maiores do que gerações já viveram – aprender pouco ou pouquíssimo na escola. Eles precisam dar-se conta de que há algo mais nesta experiência de sucesso na alfabetização e não atribuem como um dos pais de aluno, como sorte de seu filho ter tido uma professora com “tino”, no sentido de professora com uma intuição natural ou com a “conhecida” vocação para mestra. Queridos pais, seu filho aprendeu a ler e a escrever porque esta professora seguiu um jeito novo de ensinar, que ela está também aprendendo agora, voltando a estudar cada semana ou cada dia.*

Como vês, ainda há professores que aprendem, que se apercebem da sua incompletude e sabem que o ser humano está em permanente estado de projeto. Cada ser humano tem o seu projeto pessoal, social. E, nos educadores, é o da reelaboração da cultura pessoal e profissional. Não sendo responsáveis por aquilo que deles fizeram, são responsáveis por aquilo que fizerem com aquilo que fizeram deles. Foi o Sartre quem o disse, por outras palavras.

Pressinto um forte sentimento de autonomia nos educadores, cujos projetos de comunidade venho acompanhando. Porém, os políticos locais conspiram contra essa intenção. Recordo um naco de prosa por ti redigida no livro “*Professora, sim; tia, não*”: *Como esperar de uma administração de manifesta opção autoritária, que considere, na sua política educacional, a autonomia das escolas? Que considere a participação real dos e das que fazem a escola, na medida em que esta se vá tornando uma casa da comunidade? Como esperar de uma administração autoritária, numa secretaria qualquer, que governe através de colegiados?* Foste premonitório, caro Paulo, mas crê que conheço

administrações e secretarias, que já compreenderam ser incontornável considerar a autonomia das escolas. Essas secretarias são geridas por educadores que sabem que o ato de educar é um ato político e um ato de amor. E o amor, como diria o Herbert, é o único carburante que se conhece, que aumenta à medida que se emprega. Autonomia é um ato relacional e contribuir para a autonomia do outro é um ato de amor. Se um professor não se interroga, se considera pronto, está morto, pronto para baixar o corpo à terra e elevar a alma ao lugar etéreo onde te encontras. Não morremos quando o coração para; morremos quando deixamos de amar.

Conheci um professor insatisfeito com o seu desempenho. Ele perguntava: se eu faço um planejamento perfeito das minhas aulas e preparo belos materiais, por que será que alguns alunos meus reprovam? Se eu dou aulas tão bem dadas, por que razão há alunos que não aprendem? Certo dia, um koan (uma iluminação súbita) se lhe apresentou, incontornável, conclusão definitiva: se ele dava aula e havia alunos que não aprendiam, esses alunos não aprendiam porque ele dava aula.

Uma profunda perturbação o invadiu, o chão fugiu-lhe debaixo dos pés. Não poderia continuar a dar aula, mas ele somente sabia... dar aula. O seu sentido ético não lhe permitia manter um ritual, que condenava muitos jovens à ignorância. Haveria outros modos de ser professor? Outros modos de ensinar? De que maneira todos poderiam aprender? Procurou e encontrou professores, que faziam as mesmas perguntas e que não cederam ao fácil, ou foram cobardes. Com eles se envolveu num projeto de pesquisa. Juntos, conceberam e desenvolveram uma comunidade de aprendizagem, espaços e tempos de uma nova construção social onde se aprende.

Como vê, o Brasil não desiste. Há gente brasileira que não desiste de ti...

.....

Paulo Freire

Biografia:

Fortaleza, Janeiro de 2014

Amigo Lauro,

Faz um ano que nos deixaste órfãos de sabedoria. E já não falava contigo desde o nosso encontro na Chave do Tamanho. Fomos conversando da tua casa até à escola. Diria que não seria uma conversa, que foi mais uma escuta atenta aos teus ensinamentos. Discorrias sobre comunidades e, várias vezes, de diversos modos, enunciaste esboços de definição do conceito. *Grosso modo*, poderia ser assim enunciado: *comunidades de aprendizagem são divisões celulares da macroestrutura em microestruturas federalizadas num conjunto maior, mais complexas, que facilitam o encontro entre pessoas, espaços-tempos de preservação da unidade da pessoa, em lugar de dividir a pessoa para assegurar a unidade da sociedade*. Definição necessariamente extensa, por ser explícita e poder obstar ao desnorte do conceito e das práticas que de diferentes interpretações decorrem.

Comunidade de aprendizagem aparenta ser conceito de vasto espectro semântico e o conjunto de práticas que dessa designação se reclamam é deveras heterogêneo. A título de exemplo, poderei dar-te notícia de alguns dos significados a ele atribuídos e até mesmo interpretações, características e finalidades que lhe são imputadas: *comunidade de aprendizagem é um grupo que interage entre si e estabelece relações sociais, durante um determinado período de tempo, com o propósito de aprender um conceito de interesse comum; é um projeto político pedagógico que a escola escolhe seguir buscando sempre a máxima aprendizagem, necessária para conseguirmos uma sociedade da informação para todas as pessoas; é uma estratégia que ajuda a superar os obstáculos para o ensino universitário eficaz; é um programa desenvolvido pela secretaria de educação; grupo de pessoas que persegue propósitos comuns, com o compromisso coletivo de sopesar regularmente o valor dos mesmos, modificando-os quando tenha sentido, e desenvolvendo continuamente modos mais efetivos e eficientes de o conseguir*.

Vê como é reducionista a ideia que se faz de comunidade de aprendizagem. Repara na ênfase do termo grupo no lugar de equipe e a tendência para a pilotagem feita pela universidade e secretarias. Observa, nestas definições, o caráter utilitário e redentor das comunidades face ao modelo de escola que ainda

temos e que quase não é questionado nos seus princípios. As crianças que te homenagearam, pouco antes da tua definitiva partida deste mundo, aprendem no contexto de um projeto, que também adotou uma definição do conceito: comunidades de aprendizagem são práxis comunitárias assentes num modelo educacional gerador de desenvolvimento sustentável e que podem assumir a forma de rede social física, ou virtual.

Mas permite que regresse às tuas sábias considerações, por considerar que são bem mais úteis do que o meu arengar: *Museus, bibliotecas etc., estando à disposição de todos, deve a escola ensinar o povo a utilizar-se desses instrumentos de cultura; onde um professor e um aluno estabelecerem relações educativas, aí se inicia uma escola; todos os serviços escolares, toda a estrutura administrativa, toda a legislação escolar, toda a burocracia resultam à posteriori deste fenómeno primário; cada membro da comunidade, para além da responsabilidade pessoal e social, tem compromisso com as novas gerações; encontramos escolas como verdadeiros quistos sociais, sem nenhuma relação real com o meio; estas escolas fechadas são elementos perniciosos para o meio.* Que encontres no além-túmulo a tranquilidade que te foi roubada pelos esbirros da ditadura, quando te impediram de lecionar, e por aqueles que impediram que os educadores deste país conhecessem a tua obra.

Repousa em paz, amigo Lauro.

.....

Lauro de Oliveira Lima

Biografia:

Manaus, Junho de 2013

Querida Cecília,

Um poeta português nos diz que, *quando um povo acorda, é sempre cedo*. E, neste junho do nosso descontentamento, a juventude está nas ruas, para exigir *educação no lugar da corrupção*. Este Brasil, que renasce de tempos sombrios, lança o apelo que colocaste em versos: *Vem, retira as algemas dos meus braços / Porque a vida só é possível reinventada*.

Entre a entrega de flores a policiais e o vandalismo de alguns bonsais humanos, um milhão foi para a rua com milhares de micro motivos. E eram muitos os cartazes que reclamavam melhor educação. Mas... qual educação?

Nas bibliotecas das faculdades de pedagogia, nunca encontrei as tuas corajosas “crônicas da educação”. Decorridos oitenta anos, elas se mostram atuais, porque nos falam de indignação.

Crê que nunca estiveste sozinha nesse teu afã. Paulo Freire e outros educadores do teu tempo nos disseram que deveremos exercer o dom da revolta perante as injustiças do cotidiano. Como fez o Freinet, nos campos de batalha pela liberdade da Europa, consciente de que *os professores foram tão longamente condicionados pela velha pedagogia que permanecem como que enfeitiçados, incapazes de se libertarem de práticas de que conhecem, por experiência, os perigos*.

Quem não percebe que a Escola reprodutora de iniquidades perdeu o sentido? A construção social Escola, que denunciaste, feita de edifícios com grades, de salas habitadas por solidões, de cartesianas segmentações, de relações hierárquicas e burocratizadas, desprovida de fundamentação científica, sobrevive, qual cadáver adiado suportado por enfeites paliativos. Porquê mais programas, mais pactos, mais royalties...? Talvez alguns ainda não saibam que ser professor é, permanentemente, viver na idade dos porquês, ousar perguntar: Por que razão há crianças que não aprendem? E, depois, ter a coragem de mudar.

Voltei à leitura das tuas crônicas, à mistura com leituras do Darcy, que fazia eco das tuas palavras, ao denunciar a “*canalha*”, *gente ruim, sem pudor, sem escrúpulos*. Foi para evitar a perpetuação de uma educação “canalha”, que os jovens ocuparam as ruas. Foi essa a razão de decidires ser poeta, que é o

mesmo que ser educadora. Pelos teus dezesseis anos, te fizeste professora. Mas, quando te candidataste à cátedra de literatura da Escola Normal, foste preterida, porque a tua tese sobre liberdade individual não agradou... Foste alvo de perseguições, porque expressaste a tua rebeldia nas páginas dos jornais do Rio da década de 30, quando pugnavas por uma efetiva renovação educacional. Crê, querida Cecília, que defendeste as mesmas causas de jovens do século XXI, jovens que se aperceberam de que são ensinados por professores do século XX, segundo um modelo epistemológico do século XIX.

Ousaste romper com tabus de uma sociedade tão moralmente doente quanto a de hoje. Defendeste nas páginas dos jornais a mesma prática da democracia, que os jovens brasileiros de todas as idades hoje reivindicam nas redes sociais. Num junho de há mais de oitenta anos, denunciavas um regime, que invocava a *Liberdade como sua padroeira*, enquanto submetia o povo a *velhas situações de rotina, de cativo e de atraso...* Pugnavas por *uma reforma de finalidades, de democratização da escola (...) todas essas coisas que a gente precisa conhecer antes de ser ministro da educação...* Porém, *depois, veio um decretozinho provinciano, para agradar alguns...*

Bem mereceste os versos que o Manuel Bandeira te dedicou: *Cecília, és tão forte e tão frágil / Como a onda ao termo da luta / Mas a onda é água que afoga / Tu és enxuta.*

.....

Cecília Meireles

Biografia:

Porto Alegre, Fevereiro de 2014

Eu sei, amigo Florestan, que pode parecer inverossímil aquilo que te irei contar, mas é a mais pura verdade.

Um governador de estado inaugurou *uma escola construída no Padrão Século XXI, que custou quase três milhões* (sic). Pouco tempo após a pompa e circunstância da inauguração, um jovem aluno foi morto a tiro dentro dessa (dita) *escola modelo*. Outro rapaz foi atingido por uma bala perdida e ficou ferido. A diretora disse que *o rapaz tinha comportamento normal e boas notas*. O porteiro do colégio prestou depoimento: *a Polícia Militar vem, ajuda, mas quando eles saem os marginais voltam*. Acrescentou que o colégio tinha encomendado câmeras de segurança e uma barreira de proteção em volta do prédio onde os alunos estudam. Que um serralheiro colocaria as placas em volta da escola, *mas, antes de ficar pronto, infelizmente aconteceu essa tragédia*”, disse. E tranquilizou os intranquilos, dizendo: *a Polícia Militar ficará na porta da escola entre os próximos 15 e 30 dias, até que o projeto de segurança seja implantado*. Um superintendente da secretaria de *Educação averiguou as condições da infraestrutura de segurança* e, peremptoriamente, afirmou: *um circuito de câmeras de monitoramento será instalado ao redor de toda a escola*. E a Polícia Militar, por sua vez, informou que faz rondas intermediárias nas escolas.

Porém, apesar de todas as garantias dadas por quem pode dá-las, poucos alunos apareceram na instituição na manhã seguinte. E uma mãe decidiu mesmo tirar o filho daquela escola, porque *se cansou de ouvir os relatos do menino, que afirmou ter testemunhado o uso de drogas no local*.

Culminando esta insana sequência de fatos, *a escola, que era pública, se tornou uma instituição militar e já está cobrando R\$ 100 pela matrícula, R\$ 50 de mensalidade e cerca de R\$ 150 pelo uniforme*. Segundo a Secretaria de Educação, algumas escolas estaduais vão passar a ser administradas pela Polícia Militar e, por isso, a PM pode cobrar pela matrícula e pela mensalidade. Diz a minha amiga Ely que pais e governo comemoraram o *plano de recuperação da qualidade da escola*, através da colocação de policiais militares formados em pedagogia, *uma solução retrógrada, talvez inconstitucional e desnecessária*. Quanta ignorância a do pensar que se poderá acabar com a violência explícita

com recurso à violência simbólica, numa escola-caserna! Ou que um ambiente castrense poderá gerar autonomia e disciplina.

Na minha proecta idade, eu estava crente de que já tinha visto tudo, mas estava imbuído daquele *engano de alma ledó e cego, que a fortuna não deixa durar muito...* Perplexo com tantas besteiras, iria juntá-las ao balde do lixo do computador. Eis senão quando, este português cioso da sua herança cultural, encontrou uma razão para reagir – a ocupação das escolas pela PM começará no Colégio... Fernando Pessoa. Por que não deixam o poeta em sossego, no seu repouso eterno? Por que se calam os educadores perante aberrações? Por que se permite que a poesia e a pedagogia sejam vilipendiadas?

Quando outro Fernando, o Azevedo, teimava em te acompanhar ao DOPS, sabia que, dado teu sentido de dignidade, poderias sofrer o mesmo destino do Herzog. Mas, embora bem relacionado com os generais, ele não conseguiu evitar que fosses cassado pelo regime militar e preso. Valeu a pena? Diria o Fernando poeta que *tudo vale apenas, quando a alma não é pequena*. E o que não vale a pena é perder o dom da indignação.

Como deputado federal, bateste-te pela escola única, que integrasse a dispersão cartesiana, que ainda hoje se mantém, bem como pela autonomia das escolas, que também apenas tem expressão na timidez de um artigo 15 da LDBEN. Lamento que a morte te tivesse impedido de votar a lei e que o Darcy e poucos mais tivessem levantado a tua bandeira, com as cedências que nós bem conhecemos e que deram aos legalistas e burocratas argumento para adiar até aos dias de hoje a concretização de justas disposições.

Mal grado os avanços que a lei consentiu, a escola brasileira continua imersa em contradições dividida entre uma escola dos deserdados e uma escola de pseudo-elites. Mas anima-te, amigo, que chegaram tempos novos. Encontro educadores que fazem das suas escolas instrumentos de emancipação, para que o povo educado não mais aceite *as condições de miséria e desemprego como as que temos*. Nas tuas palavras está contido o drama que a herança escravagista e colonialista perpetua, de manter a maioria da população culturalmente alienada e afastada das decisões políticas. O Brasil padece de um enorme *déficit democrático* e de cultura cívica. E as escolas que ainda temos para tal contribuem. Compreendo, pois, a tua crítica da prática em sala de aula,

da concepção do professor como transmissor do saber, e da hierarquização da gestão e dos saberes.

A tua origem humilde moldou o teu carácter. Foste filho de mãe imigrante e analfabeta, começaste a trabalhar como engraxate aos seis anos de idade, foste forçado a abandonar a escola aos nove anos, fizeste as primeiras aprendizagens sociológicas na escola da vida. Mas não deixaste de acreditar que a educação pode ser uma experiência transformadora e que as escolas devem formar *um sistema comunitário*. Que os educadores brasileiros se orgulhem do teu exemplo e se oponham a políticas públicas pedagogicamente desastrosas. Que sejam aquilo que disseste dever ser um professor: *um cidadão e um ser humano rebelde*.

.....

Florestan Fernandes

Biografia:

Corumbá, Março de 2014

Quem se recordará, querida Maria, das tuas precursoras classes experimentais da cidade de Socorro, sementes dos ginásios vocacionais? Em boa hora o Luciano se apercebeu do valor desse projeto e te convidou para participar da comissão de educadores, que, nos idos de 1960, concebeu um projeto de comunidade. Com coragem e competência desempenhaste o cargo de coordenadora. E os ginásios vocacionais foram o último assomo de renovação pedagógica antes de tempos sombrios.

O amigo Lauro afirmou que o Vocacional foi a experiência mais significativa na educação pública brasileira até à década de 1970. Em São Paulo, Americana e Batatais, a integração curricular, a pesquisa e os projetos de intervenção na comunidade eram o dia a dia dos teus ginásios. A arte, a economia doméstica, as práticas agrícolas, o trabalho em grupo-equipe, os estudos sociais, eram parte de um currículo integrado de escola comunitária. A prática da auto avaliação e a substituição das notas por conceitos geraram a rejeição de múmias acadêmicas.

Em São Paulo, o teu curso noturno criou oportunidades para jovens trabalhadores do bairro, a quem a escola tradicional havia negado conhecimento. Na base da construção do currículo, a realidade social, escolas à medida das características culturais e socioeconômicas da localidade, a parceria com outras instituições, partilhando responsabilidade social no contexto de uma comunidade de aprendizagem. Uma proposta assim, revolucionária, estava condenada às pressões do governo e à repressão do regime militar. Nem uma década durou. Resististe à *crise de 65*, quando negaste a matrícula *ao jeitinho brasileiro* de um filho de funcionário de confiança do secretário de educação. Demitida que foste, a mobilização de professores, funcionários e pais de alunos, em assembleias na capital e no interior, forçaram o governo reconduzir-te no cargo de coordenadora. Porém, o AI-5 impôs limitações, que tu contrariaste, por seres herdeira do legado do teu mestre e amigo Florestan. A consequência foi a invasão policial e militar de todos os ginásios vocacionais, a tua prisão e a dos teus companheiros.

A ditadura impôs a tua aposentadoria, crente de que te impediriam de agir. Juntamente com alguns companheiros, também perseguidos pelo regime militar, fundaste uma assessoria de projetos, pesquisa e planejamento de ação comunitária e educacional, interveniente na defesa dos direitos humanos e dos perseguidos políticos do regime militar. Voltaste à prisão... Quem, hoje, visitar os extintos ginásios vocacionais verá jardins e espaços livres substituídos por muros e estacionamento de carros, e as janelas ornadas de grades com cadeados, a habitual incúria dos governantes.

Pouco, ou mesmo nada mudou, desde então. Continuamos à mercê das diatribes de péssimos governantes, a educação continua a ser maltratada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional diz-nos que a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Também diz ser dever do Estado garantir a educação de todos **s** brasileiros. Quanto tempo mais demorarão os professores, as escolas e os gestores do sistema de educação a compreender que a escola que temos não consegue atingir tais desideratos? Quanto tempo decorrerá até se aperceberem da necessidade de assumir múltiplas e urgentes medidas? Até interpelar o modelo hierárquico de relação, propiciando uma relação comunicativa, de conceder dignidade ao exercício da profissão de educador, formalizando termos de autonomia com as escolas.

Mantendo um obsoleto modelo de ensino, as escolas constituem-se em obstáculos ao desenvolvimento humano, pararam no tempo, ignorando que os contributos das neurociências e a emergência da Web 2.0 (hei de enviar-te outra carta, para te pôr a par de prodigiosas criações) prefiguram mais do que uma revolução tecnológica: uma revolução social e cultural. Do consumo de conteúdo, talvez passemos à fruição e produção crítica de informação, gerando embriões de uma democracia digital solidária. As escolas e as novas tecnologias poderão estar a serviço da humanização da escola, da pessoa e de um desenvolvimento humano sustentável. Cabe considerar a necessidade de se estabelecer uma relação com a tecnologia que não substitua os espaços dos afetos, das relações onde se estabelece o sentido de humanidade.

Esta missiva, saudosa amiga, já vai longa, resta concluir. Na década de 1970, já professora da PUC, implantaste um programa para mulheres de baixa renda nas favelas de São Paulo. Essa e outras iniciativas dotaram-te de uma formação experiencial que desembocou numa extraordinária tese de doutorado, merecedora de atenção no século XXI, que já não viste nascer. A morte te levou em 1999, mas ainda viveste o suficiente para escutar a confissão do nosso amigo Darcy: *Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.*

Também escutaste o seu repto: *Tudo o que eu não consegui fazer ficam vocês encarregados de realizar. Mas façam!* Se o câncer nos roubou esse ser iluminado prematuramente, a morte também não te permitiu dar resposta ao seu desafio. Crê que outros o farão por ti, por vós. Em comunidade.

.....

Maria Nilde Maschelani

Biografia:

Vitória, Março de 2014,

Querido José, ao que parece, querem canonizar-te no próximo Abril. E um dos bispos que pugna pela tua elevação aos altares, disse que a paz só pode começar quando conseguirmos ver no outro um irmão igual a nós. Também tu o disseste, de tantos modos, tantas vezes, mas não te escutaram. Talvez tenha chegado o tempo de os educadores serem sensíveis à necessidade da escuta. E de perguntar como poderemos aspirar a um Brasil fraterno e justo, por via da educação. É verdade, José, decorridos séculos sobre os teus apelos, já há gente que escuta, acredita e faz. Não esperarias que eu te desse boas notícias, certamente. Mas já encontramos alguns educadores atentos, entre a imensa mole dos distraídos, aos quais as difíceis condições do exercício da profissão retiram o discernimento.

Vieste na armada do Duarte Góis e acolheste o pedido do Manuel, a incumbência da construção do Colégio, onde compuseste a primeira gramática de língua Tupi. E ao redor do qual, no planalto de Piratininga, fundaste um povoado a que deste o nome de São Paulo, embrião de uma megalópole onde a educação nega o espírito do colégio original.

Séculos após as tuas missionárias labutas, um educador de nome Freire em vão tentou modificar a educação, que ainda hoje se faz, por acreditar nos seres vivos e na sua capacidade de transcendência, dizendo que a educação pode mudar as pessoas e que, transformadas, as pessoas podem mudar a sociedade. Isso eu tenho testemunhado nos meus périplos pelo Brasil. Basta que três professores se organizem numa equipe de projeto. É condição suficiente que uma comunidade se constitua a partir desse gesto inicial, uma comunidade gérmen de novas comunidades. São mais de cem aquelas que conheço. Haverá mais... Dirás que são coisa pouca face ao gigantismo deste país, mas eu alego que as grandes caminhadas começam pelo primeiro passo... Há educadores que, finalmente, dão forma a novas construções sociais, a um verdadeiro Novo Mundo, sobre os destroços de um mundo velho.

Deixaste fortes marcas sobre a terra. Tantas, que me levam a dar-te conhecimento de um fato bem original: o teu hábito de caminhar entre Iiritiba, e a ilha de Vitória, deu origem a uma trilha turística comparável à da Estrada de Santiago. Ainda te recordas das tuas deambulações por Guarapari, Setiba,

Ponta da Fruta e Jucu? Esse percurso de cerca de cem quilômetros é percorrido a pé por turistas e peregrinos...

Foi louvável o teu afã de defender os indígenas dos abusos dos colonizadores, que os escravizavam e lhes roubavam mulheres e filhos. E, nesse lugar etéreo, estarás, certamente, atento à continuação dos abusos e ao que o povo pede nas ruas da São Paulo, que ajudaste a fundar. Vês o que neste vale de lágrimas acontece, detectas vestígios de escravagismo, injustiças várias. Nada que não tenhas visto no tempo que te foi dado viver, ranço de velhas práticas sociais, que negam o direito à diversidade, que não reconhecem que uma comunidade quilombola é diferente de uma comunidade caiçara, de uma comunidade urbana, ou de uma rural. Também verás, certamente, alternativas, projetos com origem em sonhos, desejos, novas concepções de pessoa e de sociedade, protagonizados por pessoas transformando a sua realidade, conscientes de que aquilo que se aprende dentro de uma escola se pode aprender fora dela. Com ela, ou sem ela, embora eu prefira com ela...

Comunidades de aprendizagem, enquanto práxis comunitárias assentes num modelo educacional gerador de desenvolvimento sustentável, podem assumir formas inacessíveis no tempo que te foi dado viver. Mas é idêntica a busca por uma comunidade “sábia e feliz”, que seja sustentável e conhecedora de seus direitos, deveres e possibilidades, conhecedora também de seus pontos fracos e promotora das soluções para seus problemas.

Uma comunidade sábia e feliz é aquela que privilegia um modelo autossustentável em todos os sentidos: ambiental, econômico e político. Estou ciente de que já percebeste que estou a descrever uma práxis... Com a execução de um “mapeamento participativo” (numa outra carta, te explicarei o que é o *google maps*), serão identificados “pontos de aprendizagem” e poderão ser criadas algumas “pontes digitais”. Alguns espaços especialmente identificados na comunidade poderão dispor de bibliotecas comunitárias e de um sistema digital integrado, ampliando as ações e os espaços de intervenção, possibilitando permutas de informação, geração de conhecimento, Intensificando a comunicação.

O espírito de vizinhança, que tanto fomentaste e hoje está tão esquecido, convida à convivência pacífica e salutar, e deve ser objetivo constante, pois traz como consequência um ambiente propício para se tratar das questões que

envolvem o equilíbrio da comunidade. A permanência das crianças junto das suas casas e vizinhanças, acompanhada de um monitor, de educadores, familiares, permite, não só o conhecimento profundo das questões que a envolvem, mas aponta para as ações que estimulam a comunidade a participar de decisões, em busca do modo melhor para se viver. É necessário que “todos” cuidem de cada criança da comunidade. E, para isto, é preciso construir esta cultura, dado que o “bem viver” é ao mesmo tempo mola propulsora e objeto de qualquer projeto.

Tu, que ajudaste a fundar cidades, auxilia-nos nesta missão, ajuda a concretizar inadiáveis projetos, de que o Brasil carece.

.....

José de Anchieta

Biografia:

Sacramento, Março de 2014

Sábio e inspirador Eurípedes, os últimos são os primeiros... E esta derradeira carta pretende ser a primeira de muitas reflexões, que recolhem as comunidades de aprendizagem no centro do debate educacional. E um convite a que outros aprofundem o conceito e promovam práticas coerentes. Tal como tu o fizeste, quando, em 1907, deste forma à letra de um decreto, que determinava uma ampla reforma na educação mineira e concretizaste uma educação *integral numa escola ativa*.

Fica sabendo, meu amigo, que as discussões pedagógicas da tua época são as mesmas da época que nos coube viver. E, já desde a segunda metade do século XIX, havia debates em torno da importância da mudança na educação. O Rui Barbosa mostrou-se empenhado num projeto de modernização do país, propôs um sistema nacional de educação, desde o jardim da infância até a universidade. E defendia uma reestruturação completa do ensino, desde métodos até a construção de prédios. As influências da época – a humanista, a realista-científica, a positivista, as marginalizadas propostas anarco-socialistas, a génese do escolanovismo – se mantêm atuais e cada qual, a seu modo, perspectiva uma educação integral, o desenvolvimento simultâneo de aspectos morais, intelectuais, físicos, espirituais, o respeito pelo pleno desenvolvimento da pessoa, a abolição de castigos e recompensas, a valorização da infância, outra formação de professores. Em 1904, o jornal *A Gazeta* comentava reformas na educação: *A habilitação do professor vale mais que os pomposos programas oficiais, que atualmente fazem o orgulho dos docentes e a ignorância dos meninos*. E questionava: *Que remédios sociais podem ser apresentados como mais eficazes e prontos para dar-se um enérgico combate ao analfabetismo no Brasil?* Já lá vão 110 anos...

Preocupavas-te com os desfavorecidos, amigo Eurípedes, e a tua proposta de educação só poderia ter por sina a contestação daqueles a quem interessa manter um sistema iníquo. Já percebeste que foram banidos da história oficial da educação todos os projetos que, como o teu, visavam libertar o povo de amarras neocolonialistas? O dogmatismo ideológico não consente veleidades e a história da educação tem sido feita de martírios silenciados. Alcunharam de

elitista o teu labor pedagógico, só porque recorrias a métodos dinâmicos de aprendizagem, os teus alunos praticavam observação e pesquisa na cidade e na natureza, porque havias abolido castigos e exames, num relacionamento baseado no diálogo, ao contrário dos moldes pedagógicos vigentes na época. Foste o Pestalozzi do Brasil. Acreditavas que escola poderia ser agente transformador da sociedade.

Sinto gratidão pela tua ação extraordinária. Nos depoimentos dos teus alunos, apercebemo-nos de que transformaste a escola, a partir de um novo conceito de criança e de aprendizagem, da modificação do papel do professor, da reconfiguração dos tempos e espaços pedagógicos, da reorganização escolar, da reelaboração cultural, que antecedeu em mais de cem anos a elaboração do conceito de comunidade de aprendizagem.

Mobilizavas a comunidade, para que ajudasse as famílias das crianças mais carentes a ir à escola. Havia muitas crianças negras matriculadas e vários professores negros compunham o quadro de professores da tua escola, num tempo em que os discursos racistas, com influências eugenistas, eram comuns e os negros eram marginalizados. Não tinhas condições financeiras para pagar salários e os teus professores eram voluntários da comunidade. Não recorrias a provas, exames, ou classificações. Há mais de cem anos, já praticavas aquilo que, nos dias de hoje, se designa por *progressão continuada*. Providenciaste a derrubada de paredes e daquelas que são internas, promovendo debates semanais. No teu colégio, os alunos praticavam Astronomia, o estudo da (e na) Natureza, em *aulas-passeios*, muito antes de Freinet. No ano em que desencarnaste, escrevia o teu aluno Germano: *conversávamos, estudávamos bons livros e admirávamos a natureza, admirávamos o voo dos insetos, o cantar dos pássaros e de preferência de um sabiá de laranjeira, que vinha pousar nos galhos baixos das árvores e encher o ar com sua melodia, esse era o predileto do professor.*

Os dias de apresentações de teatro eram dias de festa. Os *alunos confeccionavam belos cenários* e toda a comunidade participava: Incentivavas a participação dos alunos em ações sociais e os jovens aprendiam a moral na prática comunitária, aprendiam a pensar e a questionar, como nos diz a Corina: *Eurípedes não queria alunos que obedecessem cegamente, mas que aprendessem a criticar, a questionar e a pensar.*

Ansiavas por uma escola gratuita, acessível a toda a comunidade, rompendo com a ideia de um aluno passivo diante do conhecimento e submisso a uma disciplina rígida. Substituíste o ensino verbalista pela arte de observar e apreender o mundo e foste audaz, quando tentaste coeducar. *Onde já se vira moços e moças juntos?* – questionavam clérigos e barões. E a imprensa da época, controlada pelos poderosos, não deu tréguas ao teu intento, que somente viria a concretizar-se, três décadas decorridas, na gestão do Capanema. Já havias desencarnado, no fatídico 1918, em que a febre amarela ceifou milhares de vidas no triângulo mineiro. Restaram os teus discípulos. O teu aluno Tomás viria a ser professor do Roberto Crema. Como vês, foi terreno fértil aquele que desbravaste em Sacramento. Como vês, temos motivos para sermos esperançosos.

.....

Eurípedes Barsanulfo

Biografia:

